

Atualização 2015

VANTAGENS DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS NO BRASIL



Foto: Scot Consultoria



ESSE PRODUTO FOI GERADO COM EXCLUSIVIDADE
PELA SCOT CONSULTORIA PARA A ABEG.





DEZEMBRO DE 2015

Direção

Alcides de Moura Torres Júnior
engenheiro agrônomo

Coordenação

Rafael Ribeiro de Lima Filho
zootecnista, mestrando em administração

Pesquisadores

Alex Santos Lopes da Silva
zootecnista, mestrando em administração

Felippe Damasceno Reis
zootecnista

Francisco Pedro Woolf de Oliveira Filho
engenheiro agrônomo

Gabriela Milani Manzi
zootecnista, mestre em produção e nutrição animal

Gustavo Adolpho Maranhão Aguiar
zootecnista, mestrando em administração

Hyberville Paulo D'Athayde Neto
médico veterinário, mestre em administração de organizações

Isabella Camargo
zootecnista

Juliana Pila
zootecnista

Maisa Módolo Vicentin
engenheira agrônomo

Marco Túlio Habib Silva
engenheiro agrônomo, pós-graduado em gestão de marketing

Milena Zigart Marzocchi
zootecnista, mestranda em produção animal sustentável

Paola Jurca Grigolli
engenheira agrônomo

Raissa Agnolon Pallone
engenheira agrônomo

Projeto gráfico



Bela Magrela
17 3342 1195
www.belamagrela.com.br
contato@belamagrela.com.br



17 3343 5111
www.scotconsultoria.com.br



SUMÁRIO EXECUTIVO 6

1. HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE BOVINOS VIVOS 8

1.1. PRINCIPAIS CLIENTES 10

1.2. PRINCIPAIS ESTADOS EXPORTADORES 12

2. AGREGAÇÃO DE VALOR ATRAVÉS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ 14

2.1. EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DO PIB DA CADEIA PECUÁRIA 16

3. PARTICIPAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA 20

3.1. PARTICIPAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS NO REBANHO 21

3.2. PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NOS ABATES 22

3.3. PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CARNE NO BRASIL 22

4. EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS *VERSUS* EXPORTAÇÃO DE CARNE 24

4.1. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE E DE BOVINOS VIVOS 25

4.2. DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE 26

5. CICLO PECUÁRIO E A OFERTA DE BOVINOS PARA ABATE 24

5.1. CICLO PECUÁRIO DETERMINA A OFERTA DE GADO EM TODO PAÍS 25



6. ATUAÇÃO DA INDÚSTRIA FRIGORÍFICA NO PARÁ.....	32
6.1. OCIOSIDADE DAS INDÚSTRIAS FRIGORÍFICAS.....	33
6.2. CAPACIDADE DE ABATE DAS INDÚSTRIAS FRIGORÍFICAS DO PARÁ E OFERTA POTENCIAL DE GADO DO ESTADO	34
6.3. INFORMALIDADE, DESFRUTE ESTADUAL E EXCEDENTE DE PRODUÇÃO ..	35
7. OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS VIVOS.....	38
8. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FREQUÊNCIA DE ACIDENTES OCORRIDOS NO TRANSPORTE MARÍTIMO DE BOVINOS VIVOS	42
9. CONCLUSÃO	46
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

A black and white photograph of a cow looking over a wire fence in a field. The cow is the central focus, looking directly at the camera. The background shows a field of crops and a line of trees in the distance. The image is overlaid with a green semi-transparent banner at the bottom containing the text.

SUMÁRIO EXECUTIVO

O Brasil é o segundo exportador de bovinos vivos, quando consideramos o comércio via marítima e o quarto quando consideramos qualquer transporte.

Em 2014, segundo o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), as vendas de bovinos para engorda e/ou reprodução renderam US\$634,0 milhões ao Brasil.

Desde 2003 o Pará tem sido o principal exportador de bovinos vivos para engorda e/ou abate. Em 2014 o faturamento do estado foi de US\$630,1 milhões, frente a US\$3,6 milhões do Rio Grande do Sul, também exportador de bovinos vivos.

Em relação ao comércio global, o Brasil respondeu por 12,0% do total em 2014.

Em 2015, as exportações de bovinos vivos de janeiro a outubro totalizaram 187,46 mil cabeças e um faturamento de US\$177,52 milhões, quedas de 68,8% e 66,7% em relação ao mesmo período de 2014, respectivamente.

A exportação de bovinos é um canal de escoamento da produção.

O PIB do setor de insumos acompanha o desempenho do mercado do boi gordo.

Uma pecuária rentável tende a evoluir, e os indicadores são o aumento de produtividade, a melhoria da sanidade do rebanho, dos protocolos nutricionais, e da gestão, entre outros.

A exportação de bovinos vivos representa um fator de expansão do setor pecuário em função da geração de renda e ganhos produtivos do rebanho paraense.

No Brasil, a exportação de bovinos vivos foi equivalente a 1,3% dos abates de 2014. No Canadá, representam 39,3%, e no Uruguai, 6,6%.

Na Austrália, líder nas exportações de bovinos vivos pela via marítima, os embarques foram equivalentes a 12,8% dos abates.

No Pará, os embarques em 2014 foram equivalentes a 17,0% dos abates bovinos do estado. Na média de 2006 a 2014, foram equivalentes a 14,0%.

A exportação de gado vivo (equivalente carcaça) representa em relação ao volume total da produção de carne bovina brasileira, na média de 2006 a 2014, apenas 1,2%.

Mesmo no estado onde o comércio de bovinos vivos é mais forte, há espaço para as duas vias de escoamento da produção de bovinos, através da carne e através do comércio de animais em pé.

O sucesso da indústria de insumos, em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está diretamente relacionado à renda do fazendeiros e dos trabalhadores rurais.

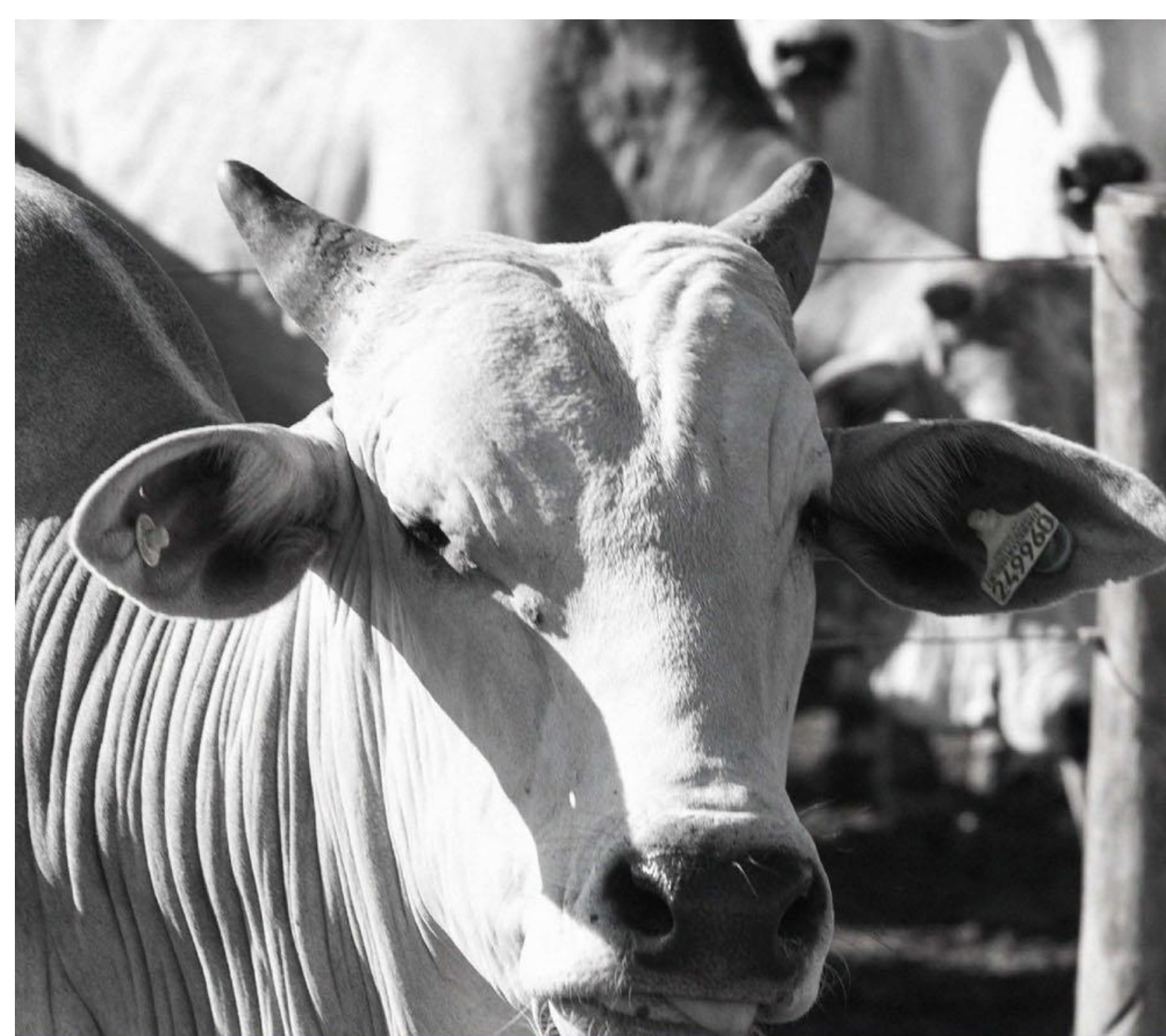
A exportação de bovinos vivos representa um fator de expansão do setor pecuário em função da geração de renda e ganhos produtivos do rebanho paraense.

Em termos de mercado, o diferencial de base, relação entre o preço da arroba do boi gordo nas praças pecuárias do país e na de São Paulo, tem diminuído ao longo dos anos, o que é estimulante.

Além das questões produtivas e de mercado, a exportação de gado vivo tem trazido benefícios à pecuária de corte do Pará no que diz respeito ao fortalecimento das boas práticas de produção no estado, da assinatura de Termos de Ajustes de Conduta (TAC), programas de boas práticas para exportação, além de melhorias no porto e acessos ao porto. Como? Explicar.

Por fim, no Brasil, a taxa de acidentes marítimos envolvendo bovinos vivos é baixa. Diante disso, podemos considerar o acidente de outubro de 2015 no porto de Vila do Conde, no Pará, um fato isolado, devendo ser levantadas as causas e estudadas medidas cabíveis e evitando novas ocorrências de mesma proporção (veja mais no capítulo 8).

Boa leitura!



1. HISTÓRICO DA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE BOVINOS VIVOS

O Brasil é o segundo exportador de bovinos vivos, quando consideramos o comércio pela via marítima e o quarto quando consideramos qualquer transporte.

Os principais mercados atendidos pelo Brasil, por ordem de importância são: Venezuela, Líbano, Jordânia e Egito (veja mais na tabela 2, na página 11).

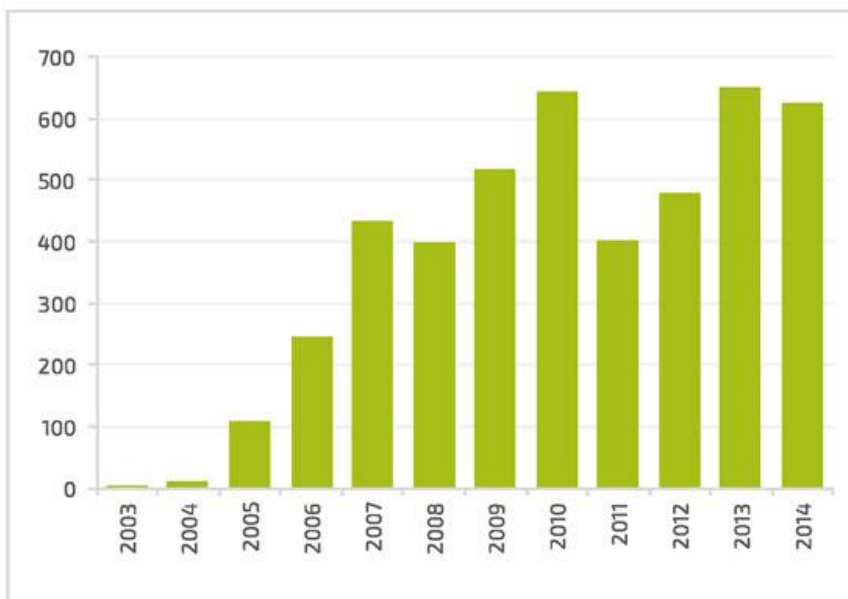
Em 2014 a exportação brasileira de bovinos para engorda e/ou reprodução rendeu US\$634,0 milhões (MDIC).

Entre 2003 e 2010 houve um aumento praticamente linear dos embarques, interrompido pela política cambial venezuelana, que desvalorizou sua moeda, com o intuito de estimular as exportações.

As importações ficaram mais caras causando uma queda de 46,4% na quantidade de cabeças compradas pelo país (MDIC).

O total de gado para engorda e/ou abate embarcado pelo Brasil caiu 37,5% naquele ano, frente a 2010. Veja a figura 1.

FIGURA 1.
Exportações de bovinos
(exceto para reprodução) entre 2003
e 2014, em mil cabeças.



Fonte:
MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Entre 2011 e 2013 a exportação registrou uma recuperação de 62,0%, superando o recorde de 2010, cujo embarque fora de 642,7 mil cabeças. Em 2013 foram exportados 651,3 mil bovinos.

A tabela 1 traz um detalhamento dos embarques de bovinos desde 2002.

TABELA 1.
Detalhamento das exportações de
bovinos (exceto para reprodução)
entre 2002 e 2014.

ANO	FATURAMENTO (US\$ mil)	VOLUME (toneladas de peso vivo)	CABEÇAS (unidades)	PREÇO MÉDIO (US\$/cabeça)
2002	1	1	2	500
2003	740	970	2.156	343
2004	3.856	5.030	10.299	374
2005	29.833	41.325	110.418	270
2006	71.954	95.071	244.963	294
2007	259.956	199.591	431.837	602
2008	367.000	192.642	398.841	920
2009	419.522	255.158	518.193	810
2010	632.557	320.317	642.735	984
2011	439.888	194.045	401.940	1.094
2012	534.439	232.979	480.270	1.113
2013	661.665	314.471	651.310	1.016
2014	633.980	296.078	624.588	1.015

Fonte:
MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em 2014 a exportação caiu 4,1%. Segundo dados do MDIC, do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) e do *Australian Bureau of Statistics* (ABS), o Brasil foi o quarto exportador de bovinos em 2014.

A Austrália teve forte incremento nas vendas entre 2013 e 2014, influenciada pela desvalorização do dólar australiano.

Em 2014 os embarques do país atingiram 1,18 milhão de cabeças, recorde, que representou um acréscimo anual de 62,9%.

Do total comercializado em 2014, a Austrália respondeu por 22,7%, atingindo valores próximos aos do México e do Canadá, que usam a via terrestre/rodoviária para a exportação de bovinos vivos. Veja a figura 2.

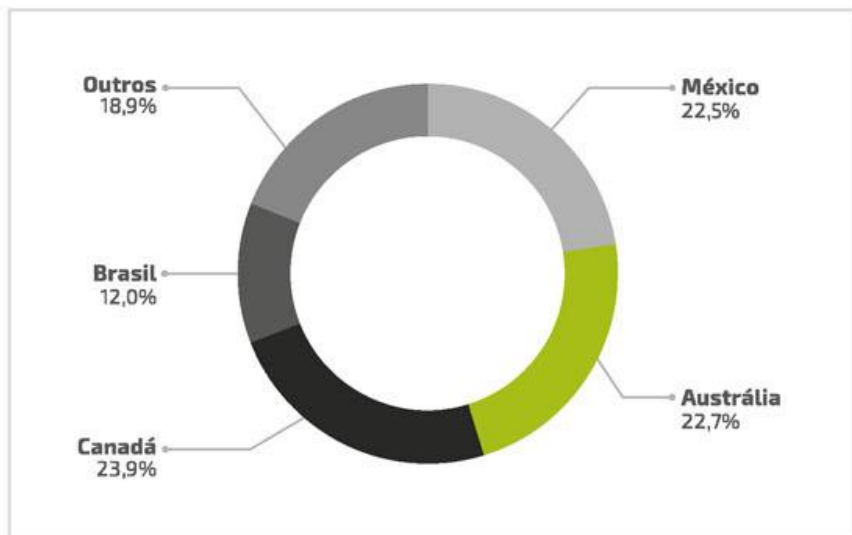


FIGURA 2.
Distribuição das exportações globais de bovinos em 2014.

Fonte:
ABS / MDIC / USDA /
Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em relação ao comércio global de bovinos vivos, o Brasil respondeu por 12,0% do total em 2014.

A exportação de bovinos vivos de janeiro a outubro de 2015 totalizou 187,46 mil cabeças e um faturamento de US\$177,52 milhões, quedas de 68,8% e 66,7% em relação ao mesmo período de 2014, respectivamente.

1.1. PRINCIPAIS CLIENTES

A Venezuela tem sido o principal destino desde 2007, quando começou a importar bovinos do Brasil.

A maior importância relativa ocorreu em 2010, quando foi o destino de 92,5% das cabeças exportadas. Em valores absolutos o desempenho em 2010 foi recorde, com 594,3 mil cabeças compradas.

Veja a figura 3.

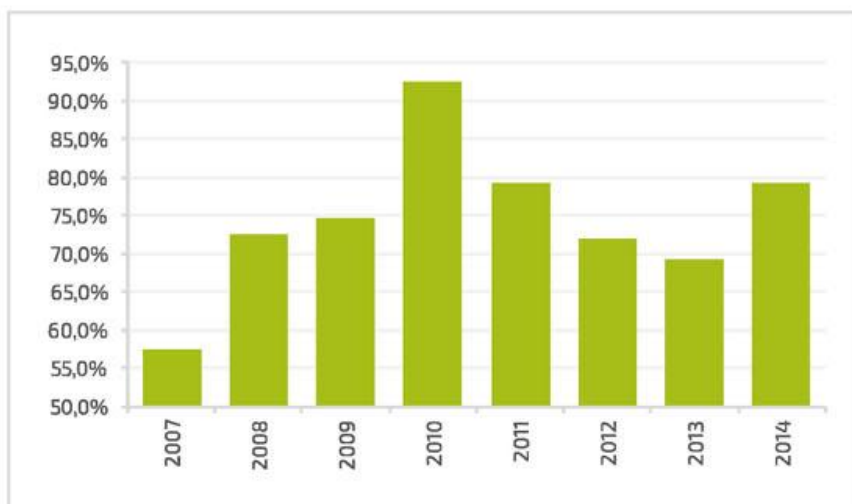


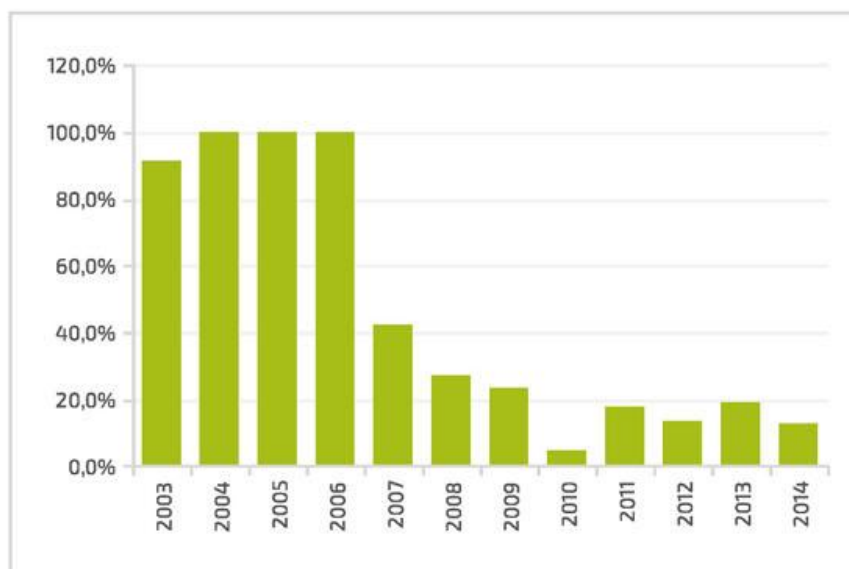
FIGURA 3.
Participação da Venezuela nas exportações brasileiras de bovinos (exceto para reprodução).

Fonte:
MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

O Líbano é o segundo destino dos bovinos brasileiros para engorda e/ou abate. As vendas para este destino começaram em 2003.

Entre 2011 e 2014 os embarques para o Líbano oscilaram entre 12,7% e 19,8% do volume embarcado anualmente. Veja a figura 4.

FIGURA 4.
Participação do Líbano na exportação brasileira de bovinos (exceto para reprodução).



Fonte:
MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em 2015, até outubro, a participação do país aumentou para 26,7%, devido à retração das vendas para a Venezuela, cuja situação econômica está ruim.

Entre o início de 2003 e outubro de 2015, a Venezuela comprou 3,33 milhões de bovinos do Brasil, o que equivale a 68,5% do gado vendido ao exterior (exceto para reprodução).

O Líbano ocupa o segundo lugar, detendo 25,7% do que o Brasil exporta, seguido por Jordânia e Egito, com participações menos expressivas. Em 2015 o Iraque surgiu como mais um mercado e comprou 13 mil cabeças até outubro.

Veja a tabela 2.

TABELA 2.
Exportações de bovinos (exceto para reprodução) entre 2003 e 2015*.

DESTINO	VENEZUELA		LÍBANO		JORDÂNIA		EGITO		TURQUIA		OUTROS	
	Cab.	%	Cab.	%	Cab.	%	Cab.	%	Cab.	%	Cab.	%
2003	0	0,0%	1.971	91,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	185	8,6%
2004	0	0,0%	10.290	99,9%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	9	0,1%
2005	0	0,0%	110.410	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	8	0,0%
2006	0	0,0%	244.963	100,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%
2007	247.299	57,3%	183.746	42,5%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	792	0,2%
2008	288.766	72,4%	109.357	27,4%	0	0,0%	0	0,0%	0	0,0%	718	0,2%
2009	387.047	74,7%	122.839	23,7%	0	0,0%	8.208	1,6%	0	0,0%	99	0,0%
2010	594.345	92,5%	31.595	4,9%	0	0,0%	9.457	1,5%	7.338	1,1%	0	0,0%
2011	318.835	79,3%	70.949	17,7%	1.298	0,3%	0	0,0%	10.858	2,7%	0	0,0%
2012	345.050	71,8%	64.341	13,4%	9.672	2,0%	16.834	3,5%	43.855	9,1%	518	0,1%
2013	450.795	69,2%	128.780	19,8%	34.868	5,4%	19.281	3,0%	13.273	2,0%	4.313	0,7%
2014	494.829	79,2%	79.144	12,7%	27.500	4,4%	22.999	3,7%	0	0,0%	116	0,0%
2015*	97.050	51,8%	50.026	26,7%	27.396	14,6%	0	0,0%	0	0,0%	12.989	6,9%
2003-2015*	3.224.016	68,5%	1.208.411	25,7%	100.734	2,1%	76.779	1,6%	75.324	1,6%	19.747	0,4%

* De janeiro a outubro.

Fonte: MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2014, Venezuela e Líbano compraram 91,9% dos bovinos para engorda e/ou abate vendidos pelo Brasil. Veja a figura 5.

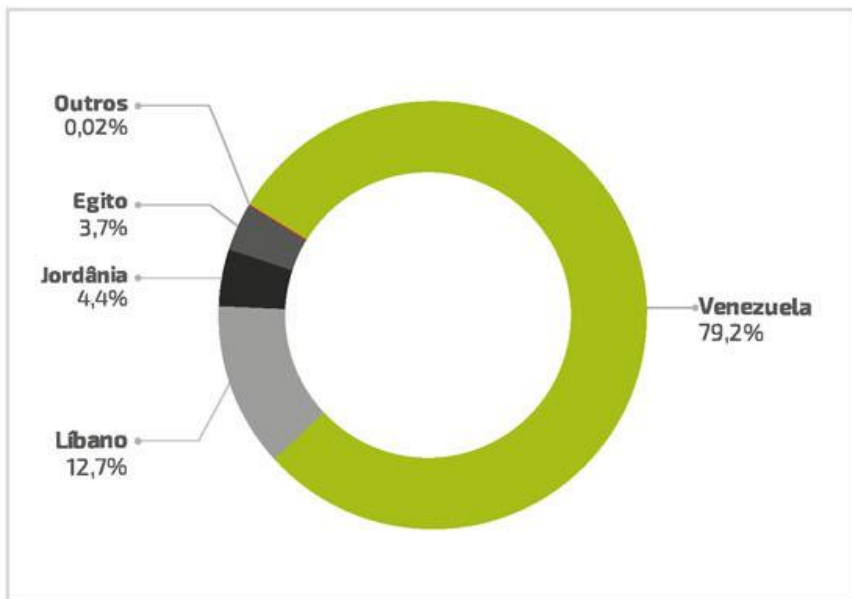


FIGURA 5. Participação dos clientes no volume de bovinos (exceto para reprodução) exportados em 2014.

Fonte: MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

Em 2015, até outubro, as compras venezuelanas caíram 77,7%, influenciadas pela situação econômica ruim pela qual passa o país.

Segundo o Fundo Monetário Internacional (FMI), o PIB (Produto Interno Bruto) venezuelano deverá cair 10,0% em 2015, depois de uma queda de 4,0% em 2014.

Com uma inflação anual estimada em 159,0% e taxa de desemprego em 14,0%, as projeções apontam para uma queda de 38,4% nas importações em 2015 (FMI), o que certamente afetará a operação com bovinos.

1.2. PRINCIPAIS ESTADOS EXPORTADORES

Desde 2003 o Pará é o principal estado exportador de bovinos vivos para engorda e/ou abate.

Apenas em 2005 o Rio Grande do Sul superou o Pará, com 39,7% do gado embarcado, frente a 37,5% do Pará.

Em 2014 o faturamento do estado foi de US\$630,1 milhões, frente a US\$3,6 milhões do Rio Grande do Sul. Veja a figura 6.

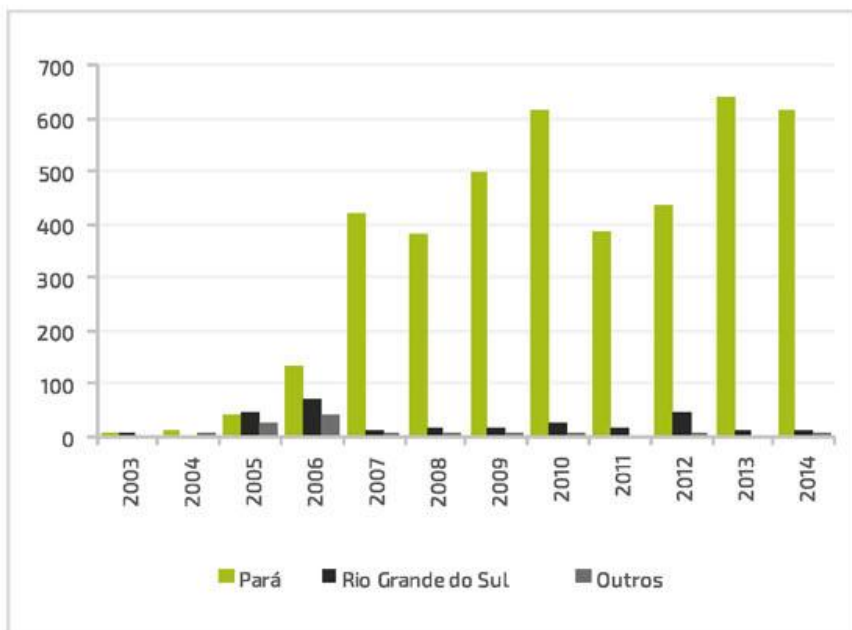


FIGURA 6. Quantidade de bovinos exportados (exceto para reprodução) por estado, em mil cabeças.

Fonte: MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

Em 2014, considerando a quantidade de bovinos, o Pará respondeu por 98,6% do total vendido, frente a 1,4% de participação do Rio Grande do Sul.
Veja a tabela 3.

TABELA 3.
Exportações de bovinos
(exceto para reprodução) do
Pará e Rio Grande do Sul nos
últimos cinco anos.

ESTADO	RECEITA (US\$)		QUANTIDADE (MIL CABEÇAS)		PESO MÉDIO (KG VIVO)		PREÇO MÉDIO (US\$/CABEÇA)	
	PA	RS	PA	RS	PA	RS	PA	RS
2010	618,2	14,3	616,7	26,0	505,89	319,49	1.002,50	550,75
2011	428,9	11,0	384,1	17,9	490,69	312,62	1.116,80	613,57
2012	493,3	40,7	432,5	47,4	493,44	409,01	1.140,64	857,60
2013	655,4	6,3	640,1	11,2	486,50	272,33	1.023,84	560,83
2014	630,1	3,6	615,8	8,7	477,93	197,90	1.023,21	415,60
2015*	177,5	-	187,5	0,0	476,35	-	946,99	-

* Até outubro.

Fonte:

MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em 2015, até outubro, o Pará foi o único exportador, com faturamento de US\$177,5 milhões e 187,5 mil cabeças embarcadas.



Foto Scot Consultoria



2. AGREGAÇÃO DE VALOR ATRAVÉS DA EXPORTAÇÃO DE GADO EM PÉ

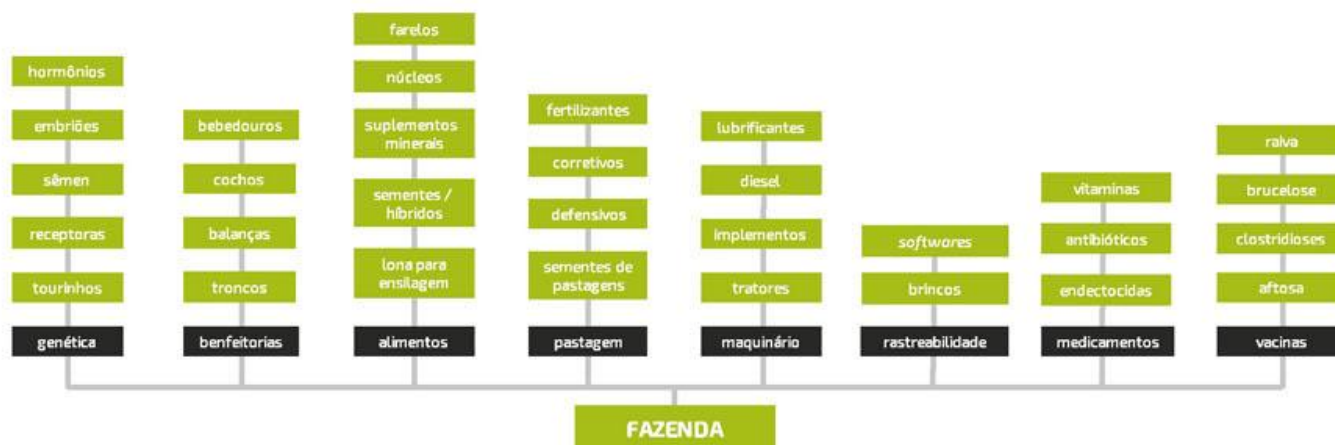
Quanto maior a concorrência para a compra de uma *commodity*, mais esta tende a valer e melhores serão os resultados econômicos de quem as produz.

Se um pecuarista obtém bons lucros, com a arroba sendo bem paga, a tendência é que ele invista e aumente a produção. Isto tem sido observado com a alta da cotação da arroba do boi gordo ocorrida desde 2013, por exemplo.

A elevação da cotação da arroba melhora as relações de troca com os insumos, o que aumenta o poder de compra do pecuarista, que investe, aumentando e melhorando a produção.

A figura 7 mostra alguns exemplos de produtos e/ou serviços que são consumidos pela pecuária e tendem a se beneficiar com a boa remuneração ao produtor.

FIGURA 7.
Exemplos de insumos utilizados na pecuária.



Fonte: Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

A exportação de bovinos promove a concorrência pela matéria-prima (boiadas), permitindo um mercado firme.

Segundo os últimos dados consolidados, o PIB do setor de insumos para a pecuária foi de R\$60,88 bilhões em 2014, um aumento de 6,8%, na comparação com o ano anterior (Cepea).

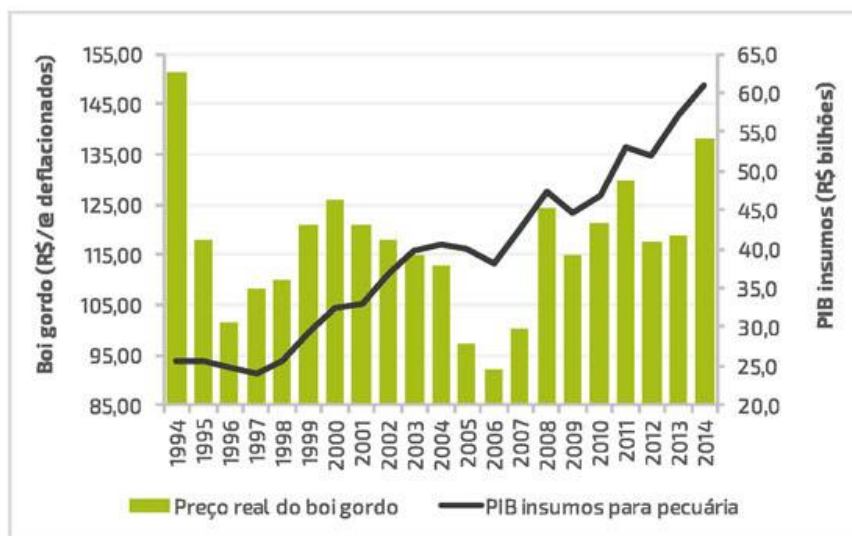
Em cinco anos, de 2009 a 2014, a cotação do boi gordo subiu 20,0%, descontando a inflação, enquanto o PIB de insumos para pecuária aumentou 36,6%. O PIB dentro da porteira aumentou 44,4%.

No mesmo intervalo o PIB da indústria do setor pecuário aumentou 7,6% e o de serviços teve alta de 22,8%. O setor de "serviços" era chamado de distribuição e corresponde aos serviços de comercialização e distribuição dos produtos agropecuários/agroindustriais. O PIB do setor de insumos acompanha de maneira próxima as movimentações do mercado do boi gordo, influenciado pelos motivos citados. Veja esta relação na figura 8.

FIGURA 8.
Evolução dos preços deflacionados do boi gordo em São Paulo e do PIB do setor de insumos da pecuária.

Obs: O PIB pecuário divulgado pelo Cepea não considera apenas a pecuária de corte. No entanto, o Valor Bruto da Produção (VPB), divulgado pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento) demonstra que a bovinocultura de corte respondeu por 36,4% deste indicador estimado para 2014.

Fonte:
Cepea / CNA / Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br



Considerando o período de 1994 a 2014, a maior correlação com a série de preços do boi gordo é observada para o PIB do setor de insumos (0,64).

2.1. EVOLUÇÃO DA COMPOSIÇÃO DO PIB DA CADEIA PECUÁRIA

A parcela do PIB da cadeia pecuária que teve o maior incremento foi o de insumos, considerando o intervalo de 1994 até 2014.

O PIB da parcela Insumos cresceu 137,9% e o da indústria aumentou 12,8%. O setor de serviços subiu 59,6% e o dentro da porteira (básico) melhorou 110,3%.

O PIB pecuário geral subiu 78,0% no período, puxado principalmente pelos itens que tiveram aumentos maiores (insumos e básico). Figura 9.

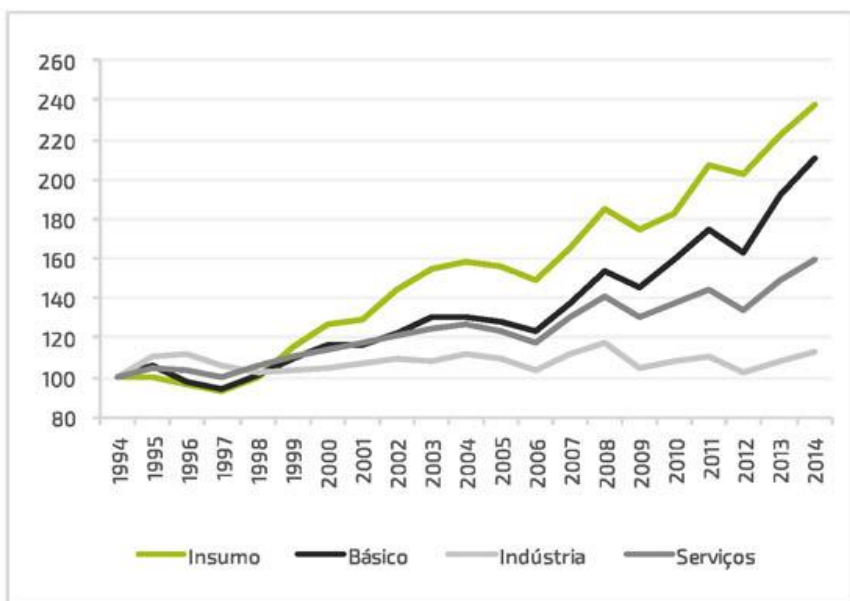


FIGURA 9.
Evolução do PIB da pecuária brasileira, por setor. Base 100 = 1994.

Fonte:
Cepea / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Uma pecuária rentável tende a evoluir, gerando melhoria da produtividade, dos protocolos de sanidade, das estratégias de nutrição, e de gestão, entre outros.

A pecuária paraense tem, por exemplo, evoluído na questão sanitária. Em 2014, a Organização Mundial de Saúde Animal (OIE) declarou erradicada a febre aftosa na região norte do estado (a região sul já era considerada livre da enfermidade).

Apesar da extensão do estado, a cobertura vacinal contra a febre aftosa (vacinados em relação ao total envolvido na campanha) foi maior que a média nacional em 2015.

Segundo o MAPA, 98,9% dos bovinos envolvidos na primeira etapa de vacinação foram imunizados. A cobertura em nível nacional foi de 98,0%, menor que a observada no estado.

A título de comparação, em Minas Gerais e na Bahia as coberturas vacinais foram de 96,8% e de 94,5%, respectivamente. Números excelentes, mas menores do que no Pará.

O status sanitário melhor beneficia toda a cadeia, produtores, frigoríficos e varejistas. Entre 2000 e 2014 a taxa média de crescimento anual do PIB de insumos foi de 4,6%.

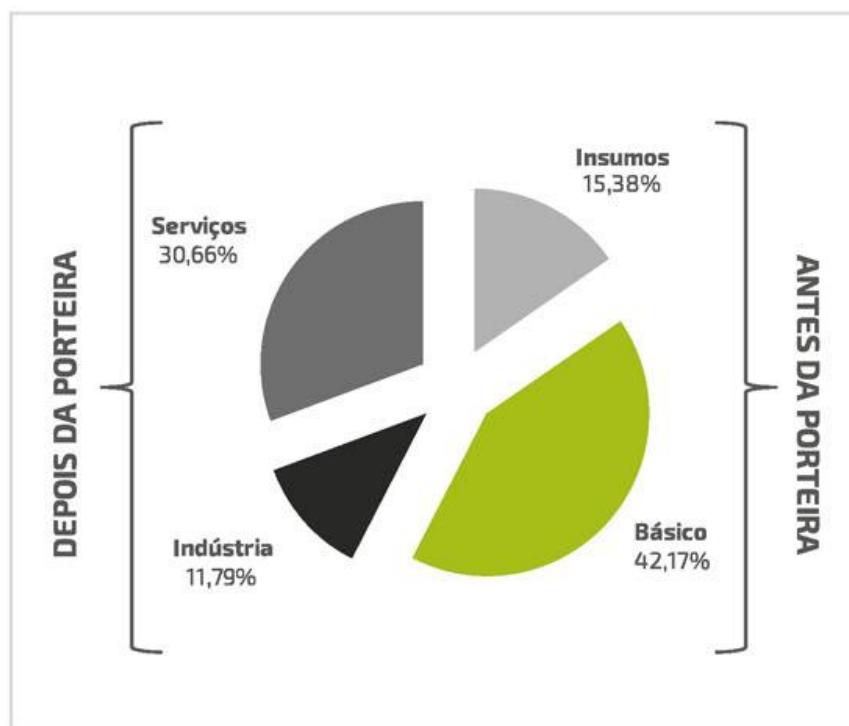
TABELA 4.
 PIB da pecuária brasileira, por setor e total, em R\$ bilhões, e a variação média anual desde 2000.

ANO	INSUMO	BÁSICO	INDÚSTRIA	SERVIÇOS	PECUÁRIA
2000	32,45	92,6	43,29	87,14	255,48
2001	32,92	92,81	44,32	88,98	259,04
2002	36,79	97,13	45,07	92,23	271,23
2003	39,77	103,18	44,61	94,27	281,84
2004	40,6	103,62	46	96,48	286,7
2005	39,93	102,08	45,04	94,22	281,26
2006	37,99	97,54	42,9	89,59	268,02
2007	42,41	109,33	46,24	98,79	296,76
2008	47,29	122,19	48,47	107,18	325,12
2009	44,58	115,61	43,38	98,8	302,36
2010	46,88	126,3	45,01	104,33	322,52
2011	53,09	138,28	45,55	109,53	346,46
2012	52,01	129,26	42,14	101,88	325,29
2013	56,99	152,94	44,94	113,51	368,39
2014	60,88	166,96	46,67	121,37	395,88
Taxa média anual	4,6%	4,3%	0,5%	2,4%	3,2%

Fonte:
 Cepea / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

A figura 10 mostra como os setores antes (insumos) e dentro da porteira (básico) contemplam a maior parte da geração de riqueza, crescimento, da pecuária.

FIGURA 10.
 Participação dos segmentos no PIB da pecuária em 2014.



Fonte:
 Cepea / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em 2014, estes dois elos compuseram 57,6% do PIB pecuário total. Em 1994 esta participação era de 47,2%.

Os elos antes e dentro da porteira passaram da metade do PIB total da pecuária em 2003 (50,7%) e vêm ganhando importância ano após ano.

A figura 11 mostra a evolução desta participação desde 1994.

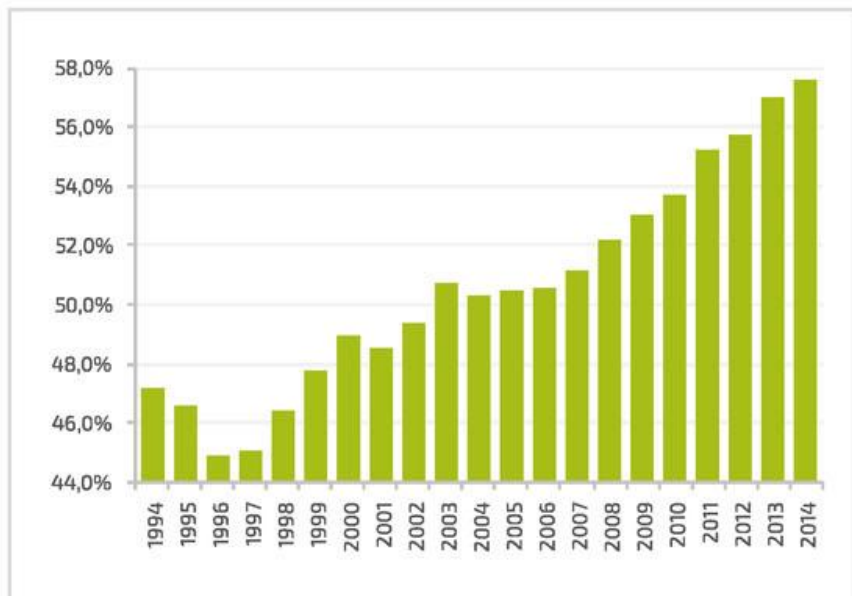


FIGURA 11.
Participações dos setores antes e dentro da porteira (insumos + produção) no PIB total da pecuária, em %.

Fonte:
Cepea / CNA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

A maior geração de riqueza está antes e dentro da porteira, o que justifica o benefício de mais de uma via de escoamento a produção, uma vez que permite preços mais remuneradores, melhorando o desempenho econômico da pecuária e a possibilidade de investimentos na atividade.

Investimentos geram mais produção em médio e longo prazos e isto beneficia toda a cadeia.

Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), o rebanho brasileiro aumentou 0,3% em 2014, enquanto no Pará o acréscimo foi de 3,9%.

O incremento absoluto foi de 746,2 mil cabeças, o maior entre os estados brasileiros. A pecuária paraense tem evoluído, tanto em tamanho, como em qualidade.

Preços remuneradores gerando investimento na atividade beneficiam direta e indiretamente dezenas de setores, como transporte e nutrição.

Podemos citar outro exemplo, a quantidade de empregos no setor frigorífico no Pará. Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), entre 2007 e 2014 foram criados 1,9 mil postos de trabalho no estado. Isto equivale a um incremento de 29,9% na quantidade de trabalhadores do setor.

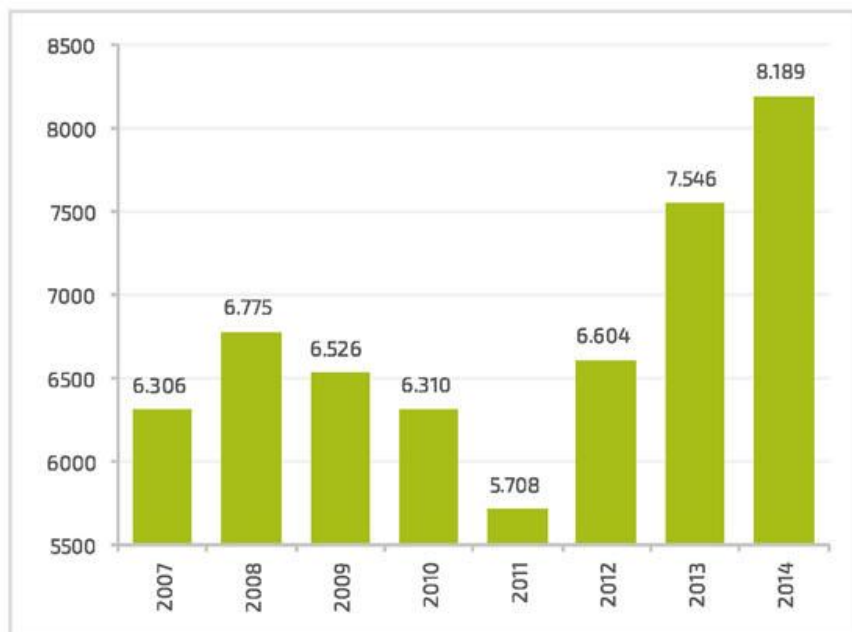


FIGURA 12.
Evolução dos empregos no setor frigorífico de bovinos no Pará.

Fonte:
MTE / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

No mesmo intervalo as exportações de bovinos pelo Pará aumentaram 47,2% em quantidade. As duas atividades prosperaram.

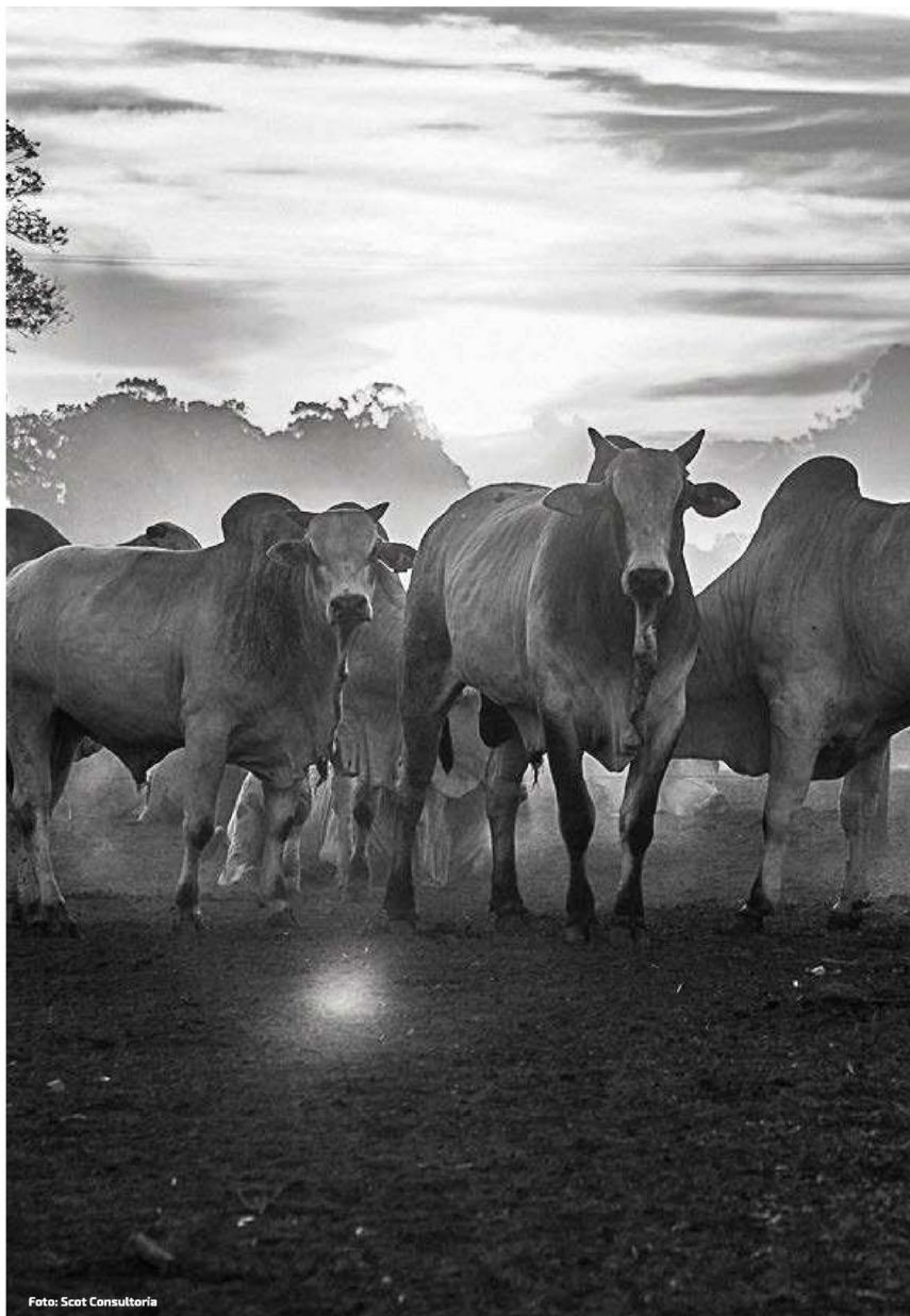


Foto: Scot Consultoria



3. PARTICIPAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS NA PRODUÇÃO BRASILEIRA

O Brasil possui o maior rebanho bovino comercial do globo, cujo tamanho é de 212,34 milhões de cabeças, segundo dados do IBGE. Isto representa 22,0% do rebanho mundial de bovinos, que está estimado em 964,45 milhões de cabeças, segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA).

Em 2014, globalmente, foram exportadas 5,36 milhões de cabeças de bovinos vivos. A fatia do Brasil foi de 12,0% deste mercado, com as 624,59 mil cabeças comercializadas neste ano (MDIC).

Comparamos alguns indicadores com outros importantes participantes deste mercado.

Utilizamos como padrão a análise dos dados fechados de 2014, para possibilitar a comparação com as estatísticas de outros países.

Para o Brasil, destacamos que em 2015 as exportações de bovinos vivos caíram significativamente e, com isso, recuaram em termos de participação no rebanho, abate e na produção de carne, tanto em nível nacional, como no Pará.

3.1. PARTICIPAÇÃO DA EXPORTAÇÃO DE BOVINOS NO REBANHO

A exportação de bovinos vivos da Austrália em 2014 foi de 1,18 milhão de cabeças e equivaleram a 4,0% do seu rebanho, segundo dados da Australian Bureau of Statistics (ABS) e do USDA.

O México, por sua vez, exportou 1,18 milhão de cabeças (USDA). Este valor corresponde a 3,6% do rebanho de bovinos do país, segundo informações da Secretaria de Agricultura, Ganaderia, Desarrollo Rural, Pesca y Alimentación (Sagarpa).

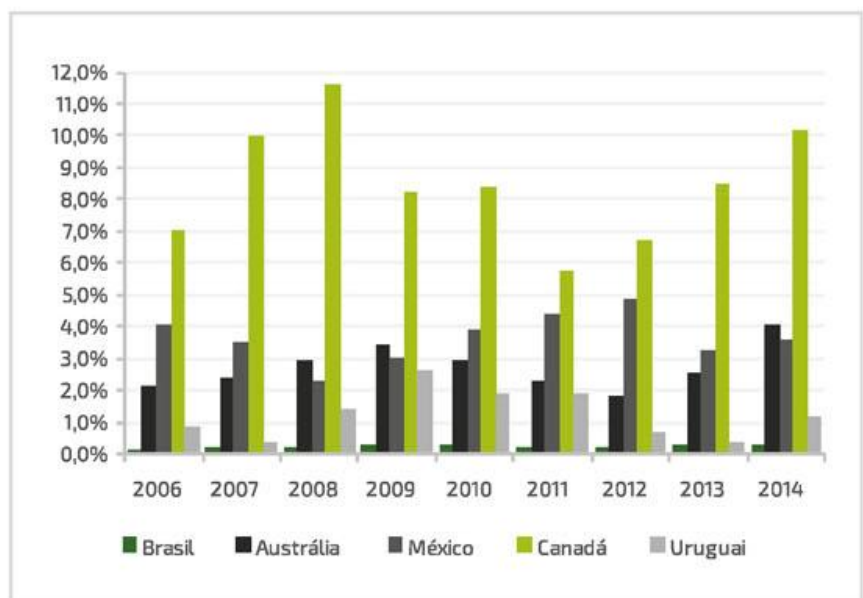
Ainda conforme o USDA, o Canadá embarcou o equivalente a 10,2% de seu rebanho, com a exportação de 1,25 milhão de cabeças.

Os três países citados, juntos, representaram dois terços das exportações mundiais de gado em pé em 2014.

O Uruguai exportou 140,68 mil cabeças em 2014 (Ministerio de Ganaderia, Agricultura y Pesca del Uruguay - MGAP), volume equivalente a 1,2% do rebanho bovino deste país (Instituto Nacional de Carnes - INAC).

O Brasil, por sua vez, embarcou 624,59 mil cabeças no mesmo ano, com uma participação de 0,3% em relação ao efetivo bovino neste ano. Na figura 13, está a evolução destas participações desde 2006.

FIGURA 13.
Relação entre quantidade de bovinos exportada e rebanho bovino de cada país.



Fonte:
USDA / ABS / MLA / MDIC / MGAP / INAC / Sagarpa
Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Dos cinco maiores exportadores de bovinos vivos, o Brasil tem, de longe, a menor participação em relação ao respectivo plantel bovino.

No Pará, esta participação em 2014 foi de 3,2%.

3.2. PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES NOS ABATES

Segundo estimativa da Scot Consultoria, o Brasil abateu 46,29 milhões de cabeças de bovinos, em 2014.

Na figura 14 podemos ver a relação entre a exportação de boi em pé e o abate de bovinos, também na comparação com outros importantes participantes deste mercado.

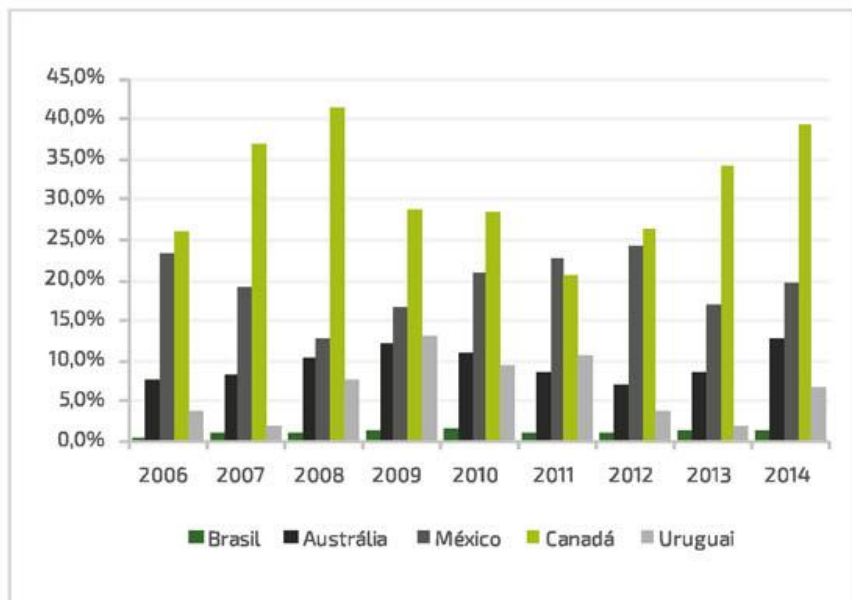


FIGURA 14.
Relação entre quantidade de bovinos exportados e abatidos em cada país.

Fonte:
USDA / ABS / MLA / MDIC / MGAP / INAC /
Sagarpa / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

No Brasil, as exportações de bovinos vivos foram equivalentes a 1,3% dos abates de 2014. No Canadá, chegaram a 39,3%, e no Uruguai, vizinho sul-americano, 6,6%.

Dessa forma, analisando o contexto internacional, percebemos que esta relação nos outros países é mais significativa.

Na Austrália, líder em exportações de bovinos vivos pela via marítima, os embarques foram equivalentes a 12,8% dos abates.

No Pará, os embarques em 2014 foram equivalentes a 17,0% dos abates bovinos do estado. Na média de 2006 a 2014, foram equivalentes a 14,0%.

3.3. PARTICIPAÇÃO NA PRODUÇÃO DE CARNE DO BRASIL

Segundo estimativas da Scot Consultoria, a produção brasileira de carne bovina em 2014 foi de 10,34 milhões de toneladas equivalente carcaça (tec).

Veja na tabela 5 a estimativa da produção desde 2006.

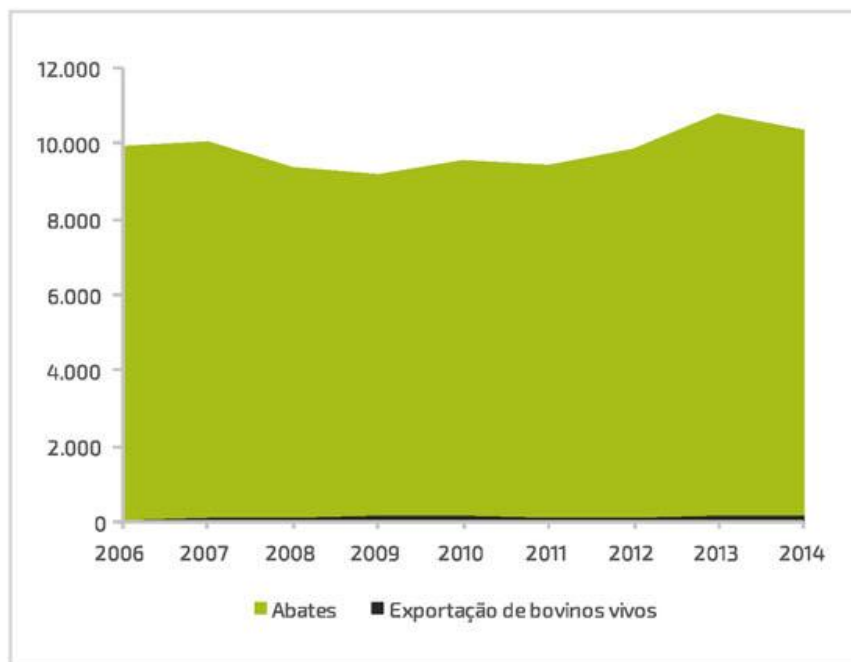
ANO	PRODUÇÃO DE CARNE (milhões de tec)	VARIAÇÃO ANUAL
2006	9,93	-
2007	10,04	1,1%
2008	9,39	-6,6%
2009	9,18	-2,2%
2010	9,58	4,3%
2011	9,44	-1,4%
2012	9,86	4,4%
2013	10,78	9,3%
2014	10,34	-4,0%

TABELA 5.
Produção de carne bovina no Brasil de 2006 a 2014, em milhões de tec, e a variação anual.

Fonte:
Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Na figura 15 temos a comparação da evolução da produção brasileira de carne bovina e a estimativa de carne exportada através dos embarques de bovinos vivos.

FIGURA 15.
Evolução da produção de carne bovina dos abates nacionais e a estimativa do equivalente carcaça das cabeças exportadas, em mil tec.



Fonte:
Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Para a conversão de bovinos exportados em carcaça utilizamos o peso total dos bovinos embarcados e um rendimento de carcaça de 52,0%.

A exportação de gado vivo (equivalente carcaça) representa pouco em relação ao volume total da produção de carne brasileira, na média de 2006 a 2014, apenas 1,2%.

A exportação de gado em pé em 2014 foi equivalente a 1,5% da produção brasileira de carne.

No Pará, o volume de carcaça das exportações de bovinos vivos foi equivalente a 18,9% da produção total de carcaça estimada para o estado. A média de 2006 a 2014 é de 15,9%.





4. EXPORTAÇÃO DE BOVINOS VIVOS
VERSUS
EXPORTAÇÃO DE CARNE

Segundo dados do MDIC, em 2015, até outubro, as exportações de carne bovina totalizaram 1,36 milhão de toneladas equivalente carcaça (carnes *in natura*, industrializada e salgada).

O faturamento dos embarques neste período somou US\$4,35 bilhões.

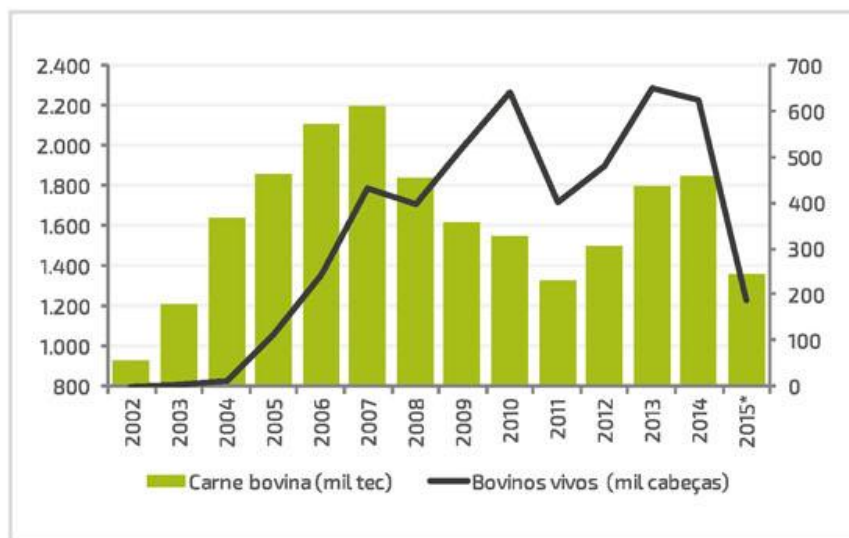
Em relação ao mesmo período de 2014, as quedas para o faturamento e para o volume foram de 18,9% e 11,9%, respectivamente.

Já as exportações de bovinos vivos, de janeiro outubro, foram de 187,46 mil cabeças e o faturamento de US\$177,52 milhões, quedas de 68,8% e 66,7% em relação ao mesmo período de 2014, respectivamente.

4.1. EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE CARNE E DE BOVINOS VIVOS

Na figura 16 estão as evoluções das exportações de carne bovina e de bovinos vivos do Brasil desde 2002.

FIGURA 16.
Evolução das exportações brasileiras de bovinos para engorda e/ou abate (eixo da direita) e de carne bovina (eixo da esquerda).



Obs: Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura*, industrializada e salgada.

* Até outubro.

Fonte:

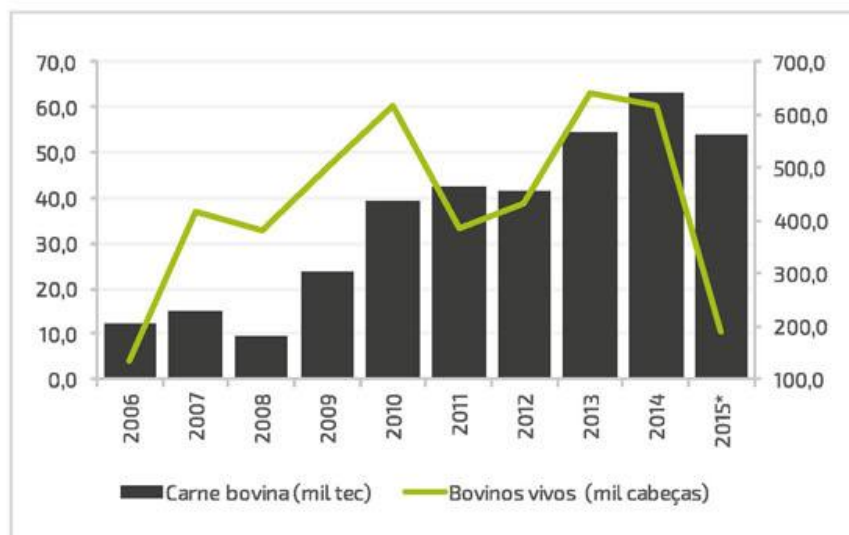
MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Ao analisarmos esta evolução, percebemos que as tendências de aumento ou diminuição dos dois mercados são semelhantes.

Basicamente, os principais componentes que afetam o mercado externo são: nível da oferta interna, preços, câmbio e conjuntura externa. Estes itens determinam a competitividade e o sucesso do produto brasileiro no mercado internacional, portanto a manutenção desse canal de escoamento da produção, complementar é importante para o negócio pecuário.

No Pará, tal comportamento também é notável. Figura 17.

FIGURA 17.
Evolução das exportações paraenses de bovinos para engorda e/ou abate (eixo da direita) e de carne bovina (eixo da esquerda).



Obs: Foram consideradas as exportações de carne bovina *in natura*, industrializada e salgada.

* Até outubro.

Fonte:

MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Mesmo no estado mais representativo para o comércio de bovinos vivos, **há espaço para as duas vias de escoamento**, através da carne e do comércio de animais, uma complementando a outra.

4.2. DEMANDA DE BOVINOS PARA CADA ATIVIDADE

Através do volume de carne exportada foi estimada a demanda por bovinos necessária para tal produção.

Para a base deste cálculo foram utilizadas carcaças de 18,0@. Figura 18.



FIGURA 18.

Demanda brasileira de bovinos para a exportação (exceto para reprodução) e para a produção de carne para exportação, em mil cabeças.

Obs: Para a estimativa da quantidade de bovinos para suprir as exportações de carne, foram utilizadas carcaças de 18,0@. Foram consideradas as exportações de carne bovina in natura, industrializada e salgada.

** Até outubro.*

Fonte:

MDIC / Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em 2014, a demanda de bovinos para a exportação de carne foi de 6,8 milhões de cabeças. Isto representou 3,2% do rebanho brasileiro neste ano ou 10,9 vezes mais que os 624,6 mil bovinos exportados para engorda e/ou abate.

Na figura 19, os números para o Pará.

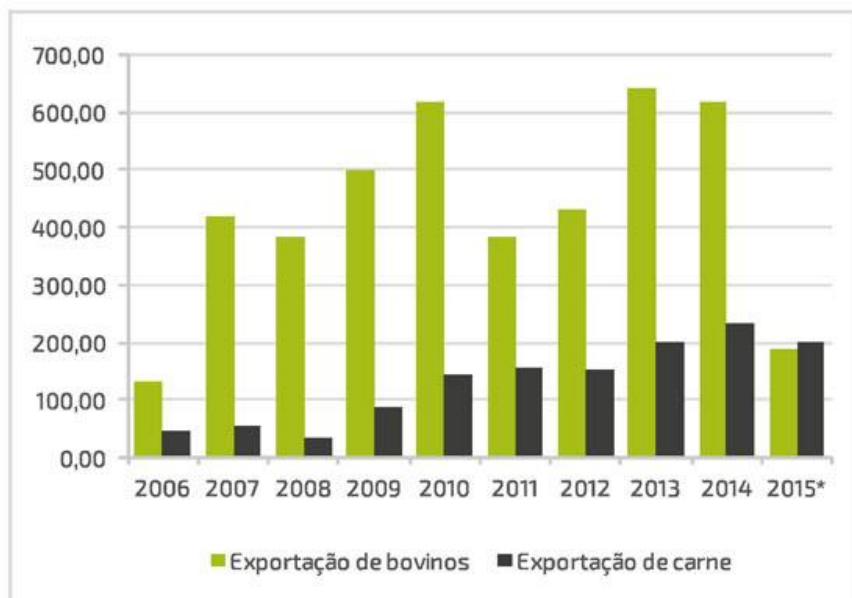


FIGURA 19.

Demanda paraense de bovinos para a exportação (exceto para reprodução) e para a produção de carne para exportação, em mil cabeças.

Obs: Para a estimativa da quantidade de bovinos necessária para suprir as exportações de carne, foram utilizadas carcaças de 18,0@. Foram consideradas as exportações de carne bovina in natura, industrializada e salgada.

** Até outubro.*

Fonte:

MDIC / Elaborado pela Scot Consultoria

www.scotconsultoria.com.br

Em 2015 (até outubro), o Pará foi responsável por toda a venda internacional de bovinos pelo Brasil (187,46 mil cabeças).

Neste período, considerando o peso médio de abate de 18,0@, foram necessários aproximadamente 200 mil bovinos para as exportações de carne do estado.

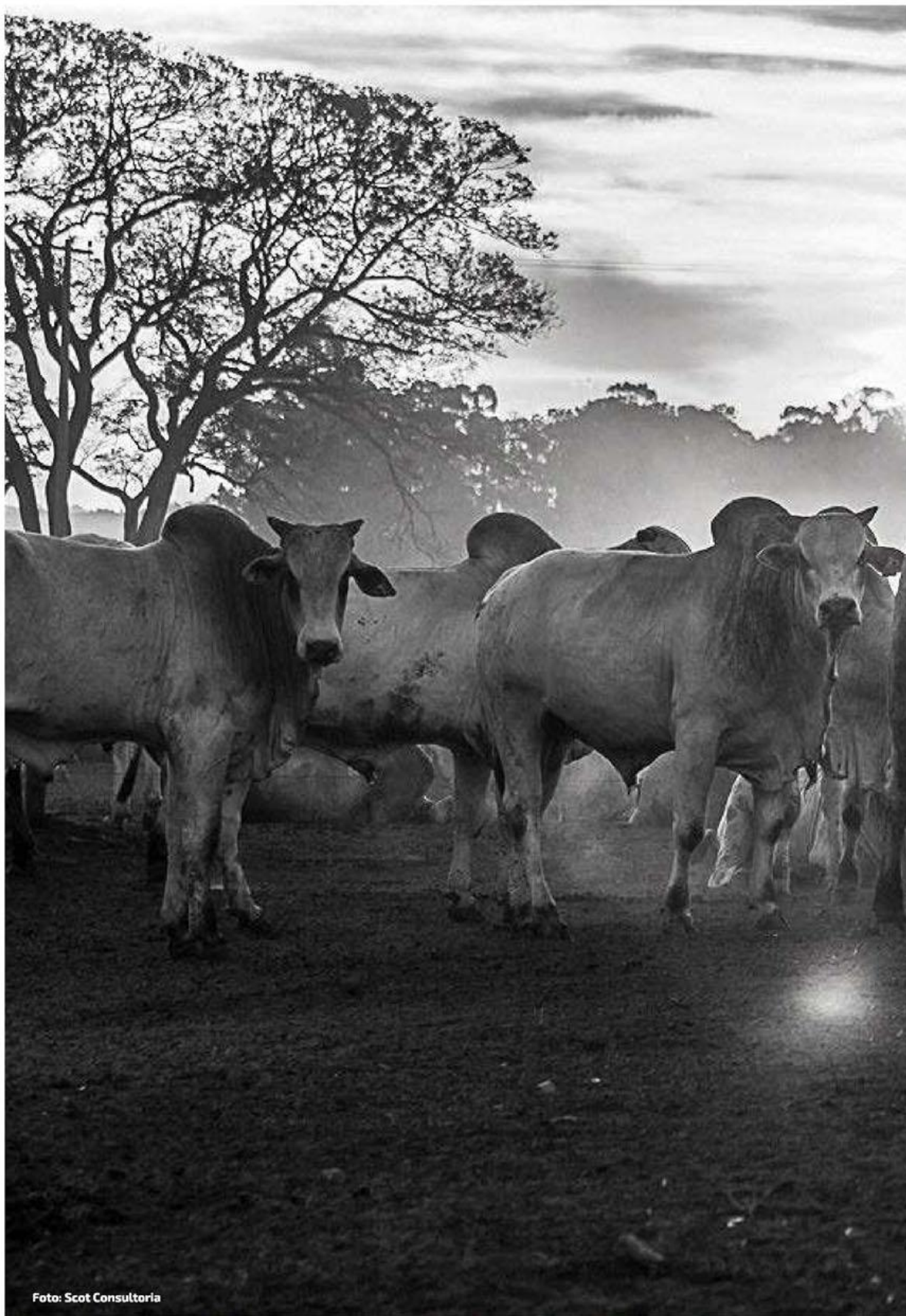


Foto: Scot Consultoria



5. CICLO PECUÁRIO

E A OFERTA DE BOVINOS PARA ABATE

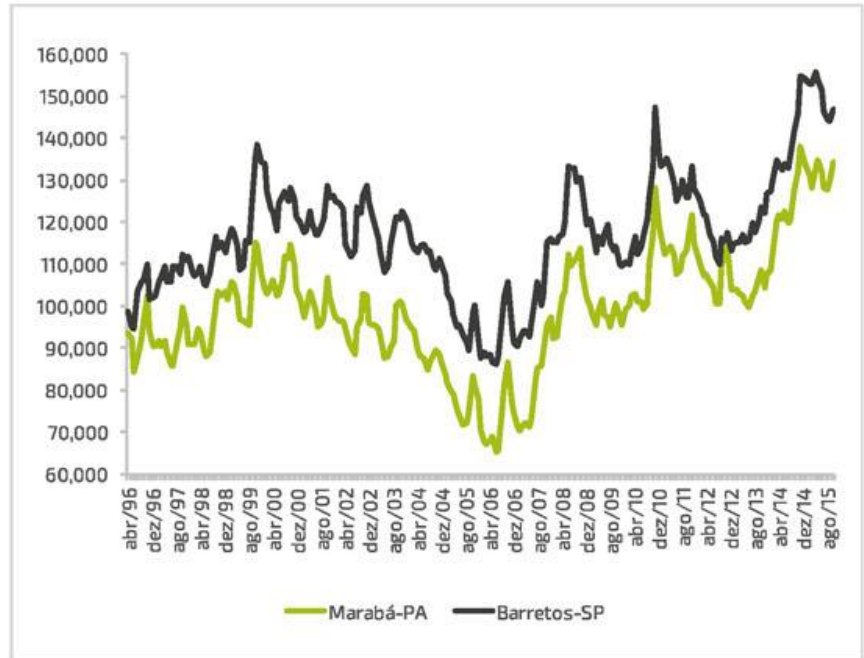
A oferta de bovinos para abate, recria e engorda varia ao longo dos anos, determinando movimentos sazonais de preços da arroba, que afetam, igualmente, a pecuária de corte de Norte a Sul do país.

Historicamente, estes ciclos duram, em média, de quatro a seis anos e estão baseados na relação entre oferta e demanda.

Em anos de pequena disponibilidade de boiadas, como foi em 2014 e 2015, também entre 1996 e 1999, os preços de todas as categorias de bovinos sobem (figura 20).

FIGURA 20.

Preços da arroba do boi gordo em reais (R\$), deflacionados pelo IGP-DI.



* Com a crise mundial de 2008 e 2009, uma onda de desemprego castigou a população nacional, o que reduziu o consumo de carne bovina. Isso fez os preços da arroba caírem, mesmo sendo os anos entre 2007 e 2010 tipicamente de pouca oferta de bovinos. Em 2010, com a recuperação da situação econômica, o mercado teve tempo de se recuperar antes de entrar na fase de baixa que ocorreu entre 2011 e 2013.

Fonte:

Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Nesse momento, o criador, cujo negócio é abastecer o mercado com bezerro, não manda matrizes para abate, por que compensa produzir bezerras, se limitando ao descarte apenas daqueles animais que têm seu desempenho reprodutivo diminuído por conta da idade.

Além disso, quando a remuneração do pecuarista aumenta, a tendência é que o aporte tecnológico na atividade cresça, melhorando a produtividade e a entrega de bezerras ao mercado.

Isso gera um aumento gradativo do rebanho e, o efeito cumulativo desse processo é o excedente de oferta de bezerras de desmama, bezerras de ano, garrotes, bois magros e boi gordo. A pecuária entra então no ciclo de baixa de preços.

A partir daí o processo inverso tem início.

O descarte de matrizes aumenta já que o criador abate, além das fêmeas de descarte, as matrizes produtivas, a fim de aumentar a escala de venda e, conseqüentemente, o resultado econômico da atividade, reduzindo, portanto, o ritmo de produção de bezerras.

Esse cenário se mantém até que a oferta de bovinos para reposição não atenda a demanda existente. Voltamos ao período de alta.

5.1. CICLO PECUÁRIO DETERMINA A OFERTA DE GADO EM TODO PAÍS

O ciclo de preços pecuários determina o abate de fêmeas e, conseqüentemente, a disponibilidade de matéria-prima para os frigoríficos.

Note na figura 21 que o efeito da oferta, considerando a praça pecuária de Barretos-SP é o mesmo sentido em Marabá, no Pará.

Embora os preços estejam em patamares diferentes e a pecuária dos estados apresente muitas particularidades, o comportamento nas duas praças, é praticamente o mesmo.

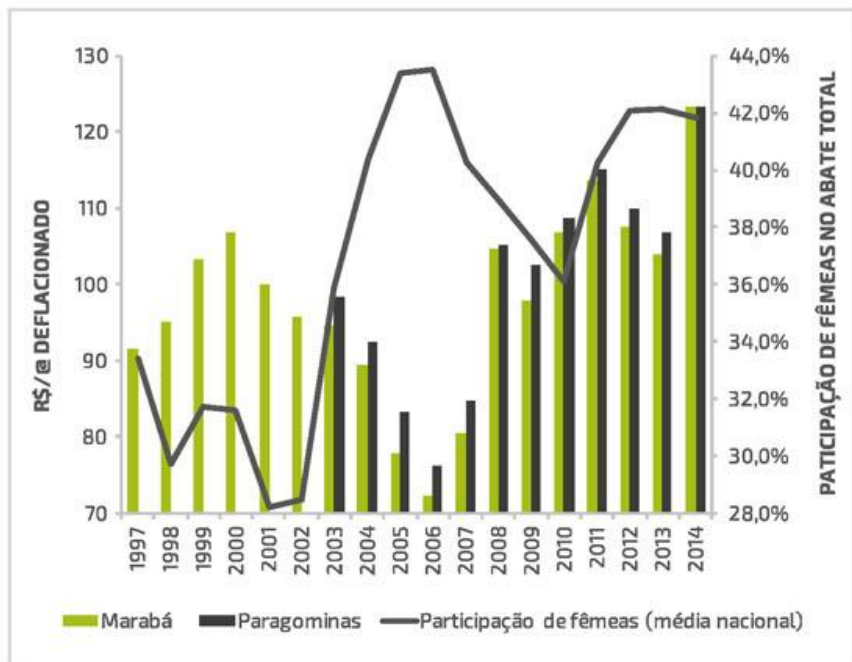


FIGURA 21.

Preços da arroba do boi gordo em Marabá e em *Paragominas, deflacionados pelo IGP-DI, e participação de fêmeas nos abates totais do país.

* A série de preços históricos de Paragominas da Scot Consultoria começa em 2003.

Fonte: IBGE / Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

Veja agora a figura 22. Nela, além dos preços em Marabá-PA, estão expressas as cotações em Paragominas-PA, município mais próximo do maior porto paraense, Vila do Conde, em Barcarena, principal rota de saída de bovinos exportados. Veja como o comportamento de preços obedece o mesmo padrão nas duas praças.

Ou seja, com ou sem pressão de compra de gado para exportação, ou mesmo que a pressão seja maior em alguma praça, no longo prazo, o ciclo pecuário é quem determina o mercado.

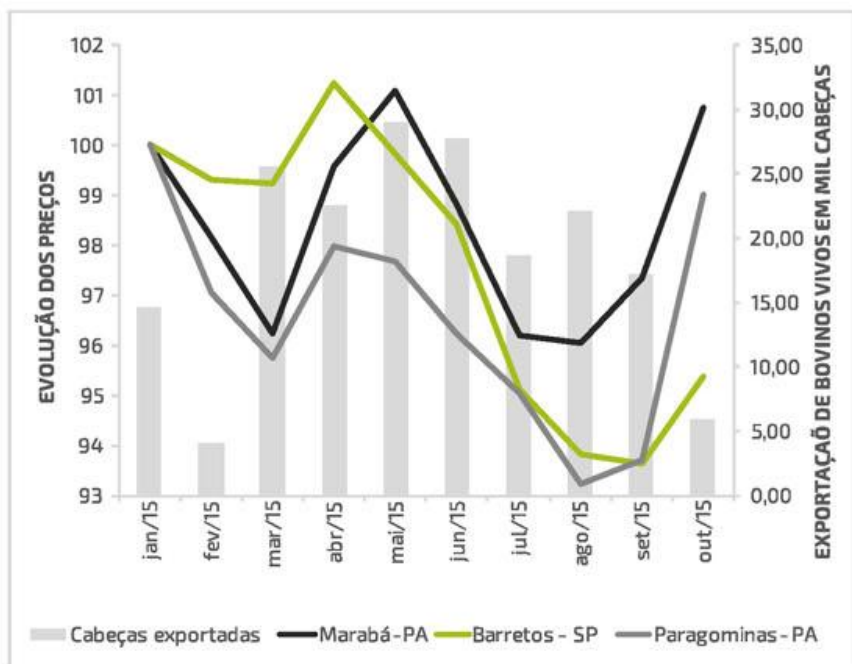


FIGURA 22.

Evolução de preços da arroba em Marabá-PA, Paragominas-PA, Barretos-SP (janeiro de 2015 = base 100) e evolução dos embarques de bovinos vivos em mil cabeças.

Fonte: MDIC / Scot Consultoria www.scotconsultoria.com.br

De volta a figura 21, para a determinação da linha que indica a participação de fêmeas nos abates, foram utilizados os números médios brasileiros.

Quando estes são sobrepostos, graficamente, ao comportamento dos preços no Pará e os períodos de aumento no abate de fêmeas do país coincidem com aos de queda nos preços da arroba no estado, o argumento de que especificidades da pecuária estadual não influenciam no longo prazo, ganham força.

Por fim, em 2015, ano em que a exportação de bovinos vivos caiu em função de problemas políticos e econômicos na Venezuela, os preços da arroba no Pará continuaram a subir, puxados pela pouca oferta de bovinos, situação generalizada

em todo país, resultado do abate de fêmeas que ocorreu entre 2011 e 2013.

Mesmo com redução forte nos embarques de bovinos vivos no segundo semestre de 2015, que deverá registrar um resultado ruim, as valorizações em Marabá-PA e Paragominas-PA seguiram ocorrendo e, a partir de julho, foram maiores do que em São Paulo, por exemplo, estado com um rebanho em retração em função do avanço da agricultura e com um dos maiores mercados consumidores do país.

A correlação entre o preço da arroba em Paragominas e a exportação de bovinos vivos em 2015 é de -0,3. A correlação negativa indica, entre outras coisas, que são grandezas que variam de forma inversamente proporcionais.

Em termos práticos, trazendo para a realidade deste mercado, mostra matematicamente que a alta de preços da arroba não tem relação com os embarques de bovinos vivos.



Foto: Scot Consultoria



6. ATUAÇÃO DA INDÚSTRIA FRIGORÍFICA NO PARÁ

A crise econômica de 2015, que resultou em redução no poder de compra da população, associado ao aumento das despesas, reduziu as margens das indústrias frigoríficas e resultou no fechamento de diversas plantas.

Tal atitude ajustou a capacidade estática dos frigoríficos e reduziu a ociosidade.

Apesar desse ajuste, a ociosidade da indústria frigorífica no Pará está menor que a média nacional.

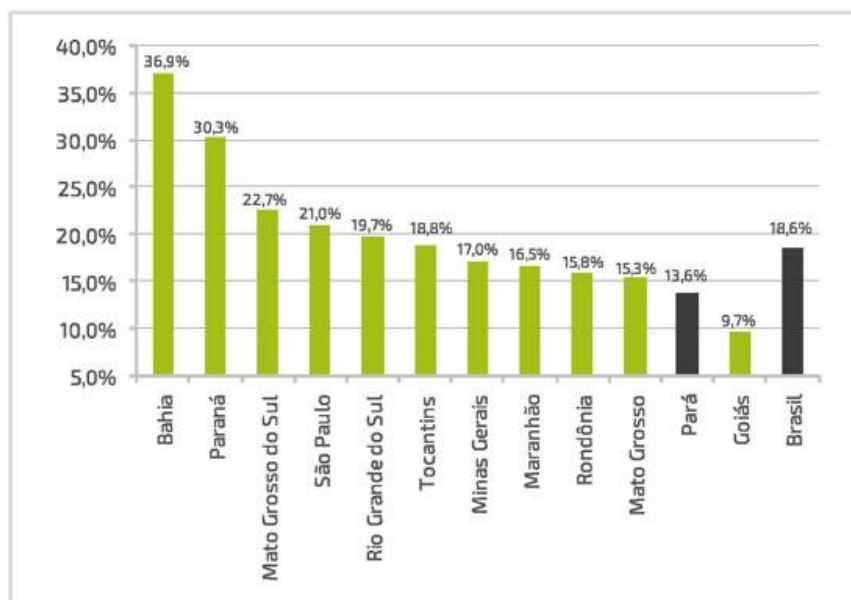
6.1. OCIOSIDADE DAS INDÚSTRIAS FRIGORÍFICAS

A pesquisa regular de ociosidade realizada pela Scot consultoria, considera todas as plantas frigoríficas de bovinos em funcionamento com Inspeção Federal (SIF).

Na média dos estados pesquisados, Bahia, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraná, Rio Grande do Sul, Rondônia, São Paulo e Tocantins, entre janeiro e novembro de 2015, os frigoríficos trabalharam com 18,6% de ociosidade.

No Pará, a ociosidade média é de 13,6%, 5,0 pontos percentuais abaixo da média nacional. Note na figura 23 que, somente em Goiás, o nível de ociosidade é menor do que no Pará.

FIGURA 23.
Ociosidade média da indústria frigorífica* por estado e a média do levantamento, entre janeiro e novembro de 2015.

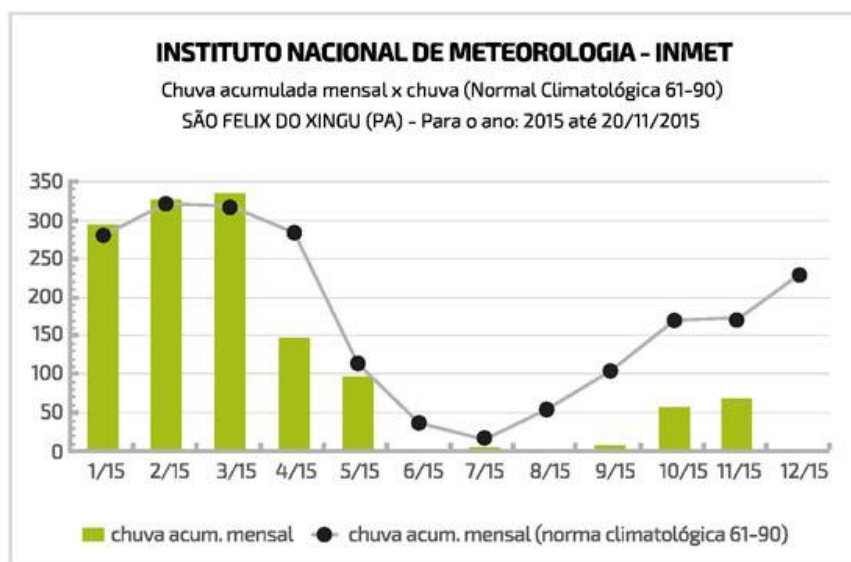


* Foram consideradas apenas as indústrias em funcionamento.

Fonte:
Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Nem mesmo as chuvas abaixo do esperado no Pará (figura 24) prejudicaram o fluxo de boiadas. O gado paraense é em sua maior parte terminado em pastagem. Ou seja, a oferta depende do comportamento das chuvas.

FIGURA 24.
Comportamento das chuvas e Normal Climatológica (61-91).



* Normal Climatológica é o comportamento normal para determinado componente climático em determinados períodos do ano.

Fonte:
Inmet

Além disso, embora os embarques de bovinos vivos tenham caído em 2015, somente o Pará exportou, e mesmo assim, a ociosidade ficou abaixo da média do país.

Portanto, o comércio de animais vivos com outros países não atrapalha a indústria local e complementa a renda do pecuarista, do homem do campo.

6.2. CAPACIDADE DE ABATE DAS INDÚSTRIAS FRIGORÍFICAS DO PARÁ E OFERTA POTENCIAL DE GADO DO ESTADO

O rebanho bovino paraense, segundo o Instituto Nacional de Geografia e Estatística (IBGE), é de 19,9 milhões de cabeças, o quinto do país. Tabela 6.

ESTADO	REBANHO
Mato Grosso	28.592.183
Minas Gerais	23.707.042
Goiás	21.538.072
Mato Grosso do Sul	21.003.830
Pará	19.911.217
Demais estados	97.591.588
Rebanho total Brasil	212.343.932

TABELA 6.
Rebanho bovino, em número de cabeças.

Fonte: IBGE

O efetivo no estado se concentra na região Sudeste, onde estão aproximadamente 13,3 milhões de cabeças, 67,0% do rebanho estadual.

Os grandes grupos frigoríficos instalados no Pará, a fim de se aproximar da matéria-prima e reduzir custos operacionais, também se concentram nesta região.

Segundo Agência Estadual de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (Adepará), existem dezesseis abatedouros e frigoríficos com Inspeção Estadual (SIE), sendo que três estão inativos.

O Privata, em Itaituba, o Frigorífico São José, em Capitão Poço e o Mafribar Alimentos em Barcarena, fecharam. Juntas, as plantas em operação, entre novembro e dezembro de 2015, período de fechamento deste estudo, podiam abater, aproximadamente, 3,1 mil animais por dia.

FRIGORÍFICO	MUNICÍPIO	CAPACIDADE DE ABATE/DIA
Casfrisa	Castanhal	360
FRIGONORT	Marabá	300
Frigorífico Araticum	Itaituba	150
Frigorífico Arrudão	Castanhal	150
FRIGOVAN	Parauapebas	250
FRINORT	Tomé Açu	130
Matadouro Amazônia LTDA - ME	Bragança	130
Matadouro e Frigorífico Aliança	Breu Branco	250
Matadouro Frigorífico Altamira Ltda	Altamira	500
Matadouro Independência	São Felix do Xingu	150
MFB Matadouro Frigorífico Bezerra	Mãe do Rio	260
SOCIPE	Belém	300
Uniboi Alimentos.	Jacundá	160
Capacidade Total		3090

TABELA 7.
Plantas frigoríficas com Inspeção Estadual (SIE) em operação no Pará em novembro de 2015.

Fonte:
Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

As unidades maiores, cujas capacidades estáticas de abate podem ultrapassar mil cabeças por dia possuem Inspeção Federal (SIF). São dezoito plantas em atividade com potencial para abater 10,52 mil animais por dia. Tabela 8.

TABELA 8.
Plantas frigoríficas com Inspeção Federal (SIF) em operação no Pará em novembro de 2015.

FRIGORÍFICO	MUNICÍPIO	CAPACIDADE DE ABATE/DIA
Abatedouro e Frigorífico São Francisco	Redenção	300
Ativo Alimentos	Castanhal	550
Fortefrigo	Paragominas	320
Frigol	Água Azul do Norte	1.100
Frigol	São Félix do Xingu	600
Frigorífico Mercúrio	Castanhal	500
Frigorífico Mercúrio	Xinguara	900
Frigorífico Novo Progresso	Novo Progresso	350
JBS	Marabá	850
JBS	Tucumã	550
JBS	Redenção	650
JBS	Santana do Araguaia	750
Marfrig	Tucumã	900
Masterboi	São Geraldo do Araguaia	500
Ribeiro Soares	Santarém	300
Rio Maria	Rio Maria	550
Xinguara	Xinguara	850
Capacidade Total	-	10.520

Fonte:
Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Outras unidades com Inspeção Federal, JBS de Eldorado dos Carajás e de Altamira, Marfrig em Mãe do Rio e NPL em Santa Maria das Barreiras, estavam fechadas quando esse estudo foi realizado, entre novembro e dezembro de 2015.

O número de plantas frigoríficas ativas com Inspeção Municipal (SIM) e a capacidade estática média de abates dessas unidades foram obtidos através de consultas ao Adepará e à base de dados de abates trimestrais do IBGE do segundo trimestre de 2015. São 27 unidades que podem abater, em média, 32 animais por dia.

Por fim, considerando a média de vinte e um dias de abate por mês, as unidades com Inspeção Federal, Estadual e Municipal, em funcionamento no estado, têm capacidade para processar 3,64 milhões de cabeças por ano.

Em função da dinâmica do ciclo pecuário, das variações de oferta entre safra e entressafra, das variações climáticas a que a atividade desenvolvida a pasto está sujeita, é praticamente impossível uma unidade frigorífica em qualquer região do Brasil trabalhar sem ociosidade na média do ano.

A partir daí, se aplicarmos a ociosidade observada para as unidades do Pará, que é de 13,6%, baixa em relação a outros estados, a demanda dessas indústrias fica em 3,15 milhões de cabeças por ano, o que equivale a um desfrute baixo, de 15,8% do rebanho estadual. A média nacional, por exemplo, ultrapassa os 20,0%.

REBANHO BOVINO	CAPACIDADE ESTÁTICA COM OCIOSIDADE	DESFRITE NECESSÁRIO
19.911.217,00	3.151.395,07	15,83%

O desfrute é uma medida de produtividade do rebanho e mostra o total de bovinos comercializados em relação ao rebanho total.

Um índice de 50,0% de desfrute, por exemplo, em uma fazenda de recria e engorda, indica que a cada dois anos todo o rebanho da fazenda deve ter sido repostado, ou então que os animais ficam, em média, dois anos na fazenda.

Em sistemas tecnificados, o desfrute em fazendas de ciclo completo fica ao redor de 40,0% e supera os 50,0% na recria e engorda.

A média do rebanho norte-americano, por exemplo, é perto de 35,0%.

6.3. INFORMALIDADE, DESFRUTE ESTADUAL E OFERTA POTENCIAL DE GADO

A Scot Consultoria estima que a informalidade de abates no Pará esteja em 27,5%, o que inclui abates sem nenhum tipo de fiscalização (federal, estadual ou municipal), informalidade fiscal e autoconsumo.

O abate inspecionado, segundo o IBGE, foi de 2,6 milhões de cabeças em 2014. Com a informalidade de 27,5%, o abate real está estimado em 3,6 milhões de cabeças. Tabela 10.

Abate IBGE em 2014	2.624,23
Rebanho em 2014	19.911,22
Informalidade (%)	27,50%
Abate estimado real	3.619,63
Desvio causado pelo abate informal	995,39

A partir do percentual de informalidade, do abate declarado, do rebanho paraense e do abate real estimado, estima-se o desfrute real do estado em 18,2%.

Esse desfrute é mais de dois pontos percentuais superior ao máximo necessário, 15,8%, para atender a demanda das indústrias do Pará, considerando a ociosidade apresentada no estado.

Veja a tabela 11. Após atender plenamente o potencial de abate paraense, o excedente de bovinos existente no estado, por ano, considerando dois desfrutes.

REBANHO ESTADUAL	DESFRITE	OFERTA DE GADO PARA ABATE	DEMANDA ESTADUAL*	EXCEDENTE PARA OUTROS FINS
19.911.217	15,8% ¹	3.151.395	3.151.395	-
	18,2% ²	3.623.841	3.151.395	468.233

É importante lembrar que o desfrute de 18,2% é considerado baixo. A pecuária nacional, em especial no Pará, que conta com elevados volumes de chuva durante quase todo o ano e, portanto, pastagem em boa qualidade, tem potencial para elevar significativamente este índice.

Existem fazendas de ciclo completo, com rebanhos estáveis, que trabalham com desfrutes de 40,0%.

A tendência é que, ao longo dos anos, a atividade pecuária, em função dos grandes desafios econômicos como redução de margens, aumento do custo de oportunidade com a agricultura, pressão ambiental, busca das indústrias por qualidade de produto, se torne mais tecnificada, melhorando os índices zootécnicos e, como consequência, o desfrute do rebanho.

TABELA 9.

Rebanho bovino, capacidade estática e desfrute necessário para atender a demanda todas das plantas ativas no Pará, com ociosidade.

* ociosidade de 13,6%

Fonte:

Scot Consultoria

www.scotconsultoria.com.br

TABELA 10.

Abate e rebanho bovino no Pará, em mil cabeças.

Fonte:

IBGE / Scot Consultoria

www.scotconsultoria.com.br

TABELA 11.

Simulação de desfrutes e oferta de gado, sem ociosidade.

* ociosidade de 13,6%

1 - desfrute necessário para atender o potencial estático das indústrias.

2 - desfrute médio do estado

Fonte:

IBGE / Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Diante disso, uma simulação com níveis crescentes de produtividade do rebanho demonstra o potencial que existe no estado quanto à oferta de gado.

Veja na tabela 12 que, se o desfrute paraense atingir a média nacional, de 21,9%, índice ainda característico de sistemas de baixa tecnologia, após a completa satisfação da demanda das indústrias, o excedente de gado para outros fins, entre eles a exportação de bovinos vivos, chega a 1,2 milhão de cabeças, o dobro do maior resultado para as exportações de bovinos do Pará, que foi obtido em 2013.

TABELA 12.
Simulação de desfrutes e oferta de gado.

REBANHO ESTADUAL	DESFRUTE	OFERTA DE GADO PARA ABATE	CAPACIDADE ESTÁTICA NO ESTADO	Ociosidade	OUTROS FINS
19.911.217,	18,2% ¹	3.619.628	3.647.448	13,60%	468.233
	21,9% ²	4.360.556	3.647.448	13,60%	1.209.161
	25,0%	4.977.804	3.647.448	13,60%	1.330.356
	30,0%	5.973.365	3.647.448	13,60%	2.325.917
	35,0%	6.968.925	3.647.448	13,60%	3.321.477
	40,0%	7.964.486	3.647.448	13,60%	4.317.038
	45,0%	8.960.047	3.647.448	13,60%	5.312.599

1 - desfrute necessário para atender o potencial estático das indústrias

2 - desfrute médio do estado

Fonte:

IBGE / Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Com um desfrute de 21,9% (média nacional), é possível ainda atender todo o parque industrial frigorífico do Pará, mesmo se esse não tivesse nenhuma ociosidade e, ainda assim, sobriaria mais gado do que o máximo de exportação registrada pelo estado.

TABELA 13.
Simulação de desfrutes e oferta de gado, sem ociosidade.

REBANHO ESTADUAL	DESFRUTE	OFERTA DE GADO PARA ABATE	CAPACIDADE ESTÁTICA NO ESTADO	Ociosidade	OUTROS FINS	RECORDE EXPORTADO
19.911.217	21,9%	4.360.556	3.647.448	0,00%	713.108	640.143

Fonte:

Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Portanto, o rebanho paraense é grande o suficiente para atender a necessidade das indústrias e, além disso, gerar oportunidade para os produtores negociarem os animais com exportadores, sem atrapalhar a oferta de matéria-prima para as indústrias produtoras de carne.



Foto: ABEG



7. OS GANHOS DA PECUÁRIA DE CORTE NO PARÁ COM AS EXPORTAÇÕES DE BOVINOS VIVOS

Existem vantagens na exportação de gado em pé, considerando o contexto sistêmico do agronegócio pecuário, tais como agregação de valor, geração de renda e sustentabilidade ambiental.

A sustentabilidade ambiental ganhou espaço nos últimos anos, sendo o tema fundamental quando se discute os rumos da pecuária na região Norte.

Para os pesquisadores envolvidos, está claro que a solução passa pelo aumento da produtividade e emprego de tecnologia na atividade pecuária, como meio de assegurar o desenvolvimento contínuo.

Porém, isso somente é possível com estímulos produtivos que deem condições de investimento aos fazendeiros da região.

A exportação de gado em pé constitui um desses estímulos.

Em 2014 o faturamento do Pará com as exportações de bovinos foi de US\$630,1 milhões, dinheiro que diretamente ou indiretamente alimenta a cadeia de insumos e o setor pecuário do estado.

O sucesso da indústria de insumos, em termos de produção, vendas, receitas e geração de empregos, está diretamente relacionado à renda da atividade.

A exportação de bovinos vivos representa um fator de expansão do setor pecuário em termos de geração de renda e ganhos produtivos do rebanho paraense.

No caso da pecuária, se o produtor vai bem, seus colaboradores vão bem, a comunidade vai bem e a indústria de insumos vai bem. Esses ganhos são convertidos em investimentos produtivos, através do uso racional de insumos e da adoção de estratégias de produção como, por exemplo, o sistema de integração lavoura-pecuária e a terminação acelerada de bovinos. Os ganhos para o setor são em cadeia.

Em termos de mercado, o diferencial de base, relação entre o preço da arroba do boi gordo nas praças pecuárias do país e o de São Paulo, tem diminuído ao longo dos anos.

Uma soma de fatores leva a esse comportamento.

A começar pelo desenvolvimento econômico da região Norte, com aumento da renda per capita e, conseqüentemente, incremento do consumo interno de carne bovina nestas regiões.

Segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Pará, o rendimento médio por família passou de R\$1.217,01 em 2002 para R\$1.988,57 em 2008, aumento de 63,4%. Estes são os últimos números disponíveis.

Na região Norte o incremento na renda média familiar foi de 59,7%, também acima do crescimento médio do país, que foi de 47,6% de 2002 a 2008.

O aumento da renda da população está relacionado ao aumento do consumo de carne bovina (elasticidade-renda), principalmente para os produtos de maior valor agregado.

TABELA 14.
Rendimento médio mensal familiar, em R\$.

	2002	2008	VARIAÇÃO (2008X2002)
Brasil	1.789,66	2.641,63	47,6%
Norte	1.259,91	2.011,72	59,7%
Pará	1.217,01	1.988,57	63,4%

Fonte:
IBGE (POF) / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Além disso, a melhora logística nos últimos dez anos possibilitou o trânsito da carne produzida até os centros consumidores, que ficam no Centro-Sul.

Sem contar ainda a evolução do *status* sanitário desses rebanhos e maior cobertura vacinal, já mencionados no capítulo 2.

Esses fatores somados à demanda gerada pela exportação de bovinos vivos levaram a uma valorização da arroba do boi gordo acima da observada em São Paulo. Criou-se demanda, fator benéfico a qualquer mercado.

O diferencial de base médio entre os preços da arroba no Pará em relação a Barretos, em São Paulo, era de 20,3% em 2002, início das exportações de gado em pé. Chegou a 7,2% em 2012, menor valor desde então.

Em 2014, o diferencial médio das três praças pecuárias do estado foi de 10,6%, e estava, em novembro de 2015, em 12,4%.

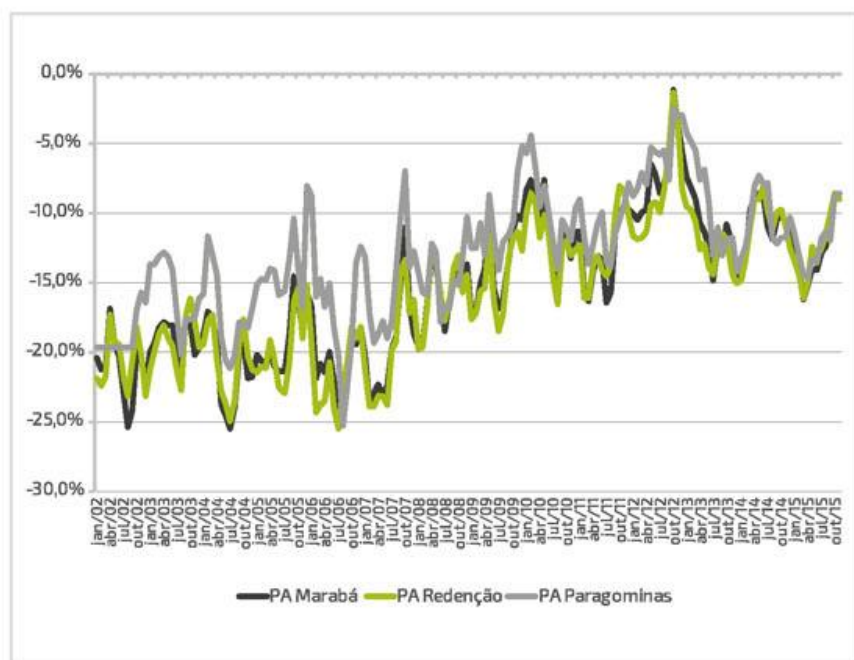


FIGURA 25.

Arroba de boi gordo: evolução do diferencial de base de Paragominas-PA, Marabá-PA e Redenção-PA em relação a Barretos-SP, em %.

Fonte:
Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Em um ambiente de crescente concentração de compradores (frigoríficos) a exportação de bovinos vivos tem se mostrado uma alternativa para a atividade.

Além das questões produtivas e de mercado, a exportação de gado vivo tem trazido benefícios à pecuária de corte do Pará no que diz respeito ao fortalecimento das boas práticas de produção no estado, com a assinatura de Termos de Ajustes de Conduta (TAC), programas de boas práticas para exportação, além de melhorias no porto e acessos.

O Porto de Vila do Conde é a principal via de escoamento para a exportação de gado vivo e movimenta aproximadamente 15 milhões de toneladas de carga por ano, sendo 296,1 mil toneladas referentes à exportação de gado vivo (total de 2014).

As melhorias nos últimos anos ocorreram nas áreas de pré-embarque (Estabelecimentos de Pré-embarque- EPE), bem como nos acessos ao porto (rodovias e estradas), infraestrutura de embarque e escritórios.

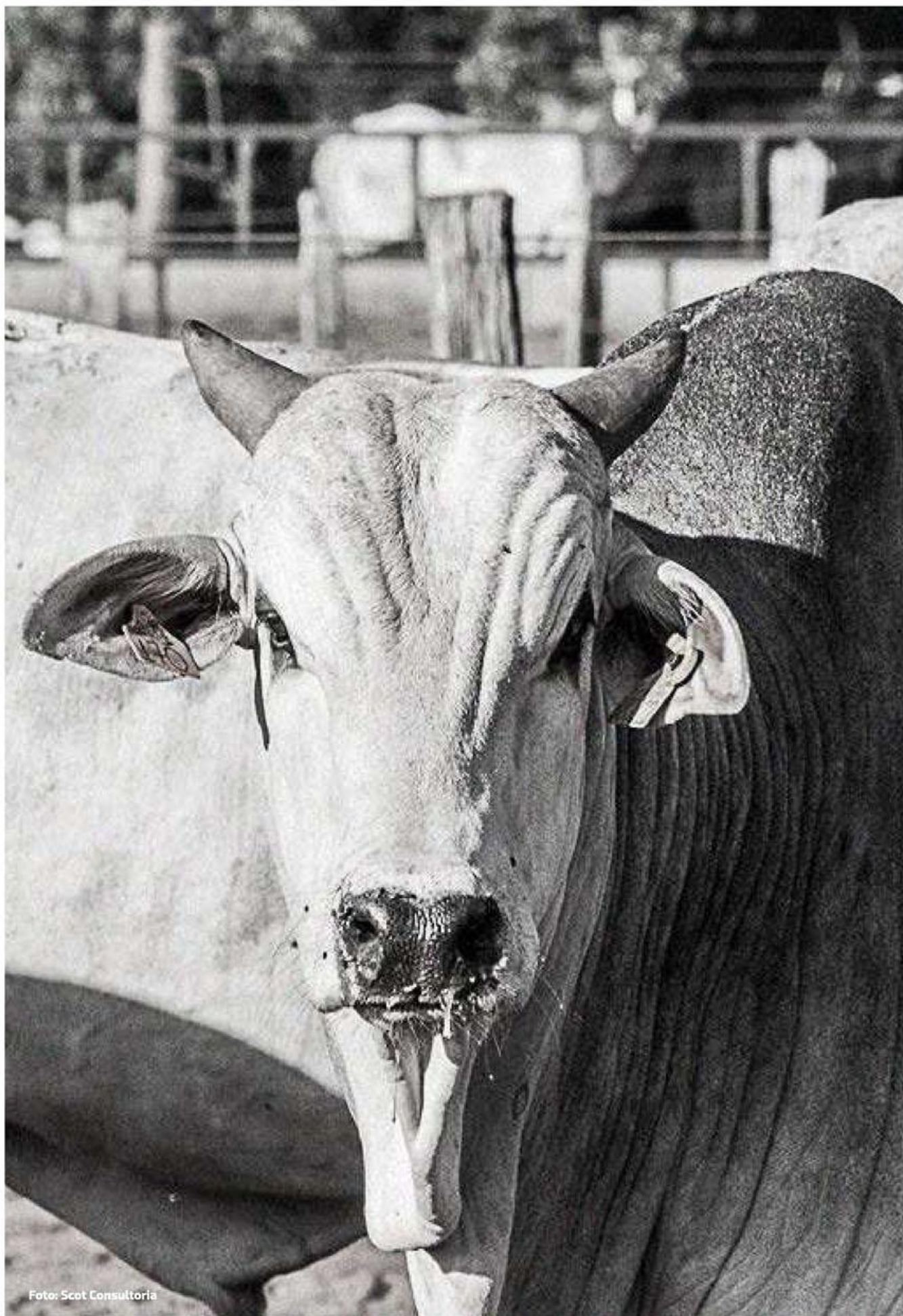
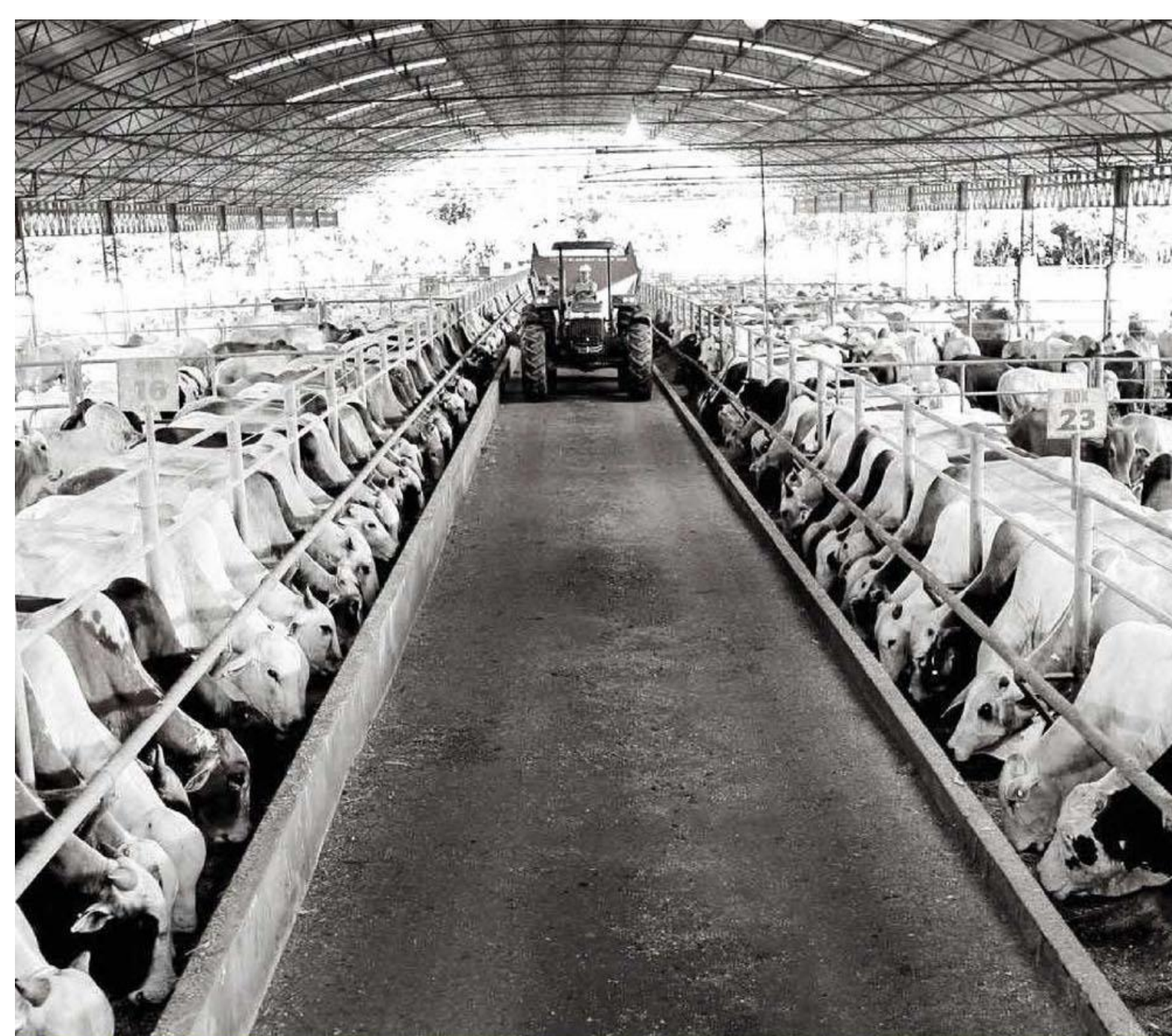


Foto: Scot Consultoria



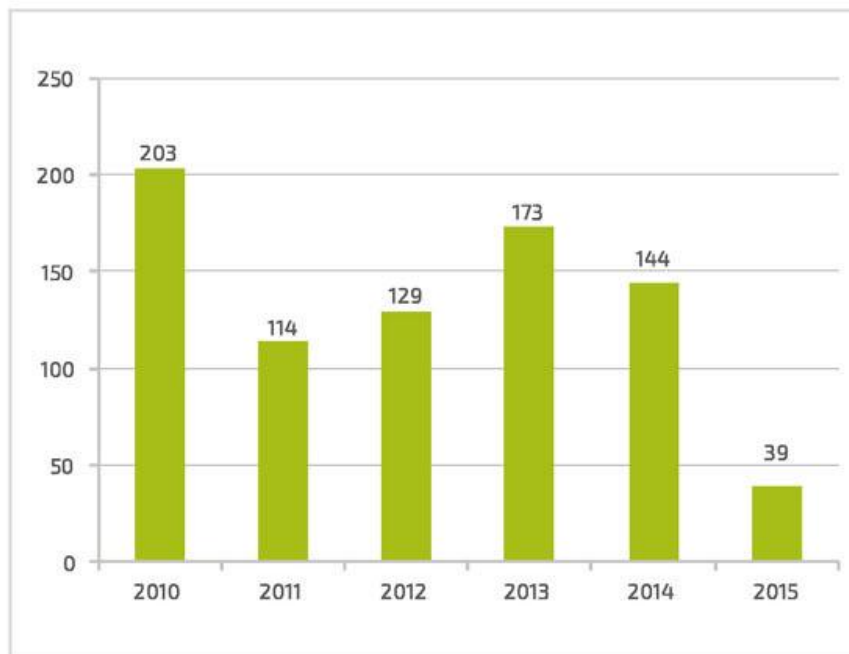
8. CONSIDERAÇÕES SOBRE A FREQUÊNCIA DE ACIDENTES OCORRIDOS NO TRANSPORTE MARÍTIMO DE BOVINOS VIVOS

Foram entrevistados agentes-chave para a coleta de informações, tais como dados de transportes marítimos e respectivas taxas de acidentes com bovinos vivos.

O complexo portuário é responsável por 90,0% das exportações do país, segundo o Ministério dos Transportes, sendo 36,0% corresponde à movimentação em portos públicos e 64,0% a terminais de uso privado (TUP).

Segundo a Agência Nacional de Transportes Aquaviários (ANTAQ), em 2015, até meados de novembro, foram atracados no Brasil, 40 navios para exportação de bovinos vivos. Veja na figura 26 a evolução das atracações nos últimos anos.

FIGURA 26.
Quantidade de atracções de navios para exportação de bovinos vivos entre 2010 e 2015* no Brasil.



*Até meados de novembro

Fonte:

ANTAQ / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Dos 40 navios atracados para exportação de bovinos vivos até novembro, 39 foram no porto de Vila do Conde, em Barcarena-PA, principal porta de saída para esse tipo de carga.

A outra embarcação saiu do porto de São Sebastião-SP, com bovinos destinados à reprodução, tendo como destino a Venezuela.

Em média desde 2010, 95,9% dos embarques de bovinos vivos para abate foram realizadas no porto de Vila do Conde (ANTAQ).

Desde o início das exportações de bovinos vivos, foram registrados dois acidentes, um com o navio atracado e outro em alto mar, totalizando a perda de 6,35 mil bovinos.

O último acidente envolveu o navio Haidar, com destino a Venezuela, em outubro de 2015. Veja na tabela 15 a lista de perdas por acidentes.

TABELA 15.

Acidentes marítimos de navios carregados com bovinos, atracados ou não.

NOME DO NAVIO	DATA DO ACIDENTE	PORTO DE EMBARQUE	DESEMBARQUE	TOTAL DE ANIMAIS	TOTAL DE ÓBITOS
Spiridom	novembro de 2007	Rio Grande	Venezuela	1.750	1.750
Haidar	outubro de 2015	Vila do Conde	Venezuela	5.000	4.600
Total	-	-	-	-	6.350

Fonte: ANTAQ / Compilado pela Scot Consultoria – www.scotconsultoria.com.br

Em 2012, foi registrada a morte de 2,75 mil cabeças de um total de 5,20 mil bovinos embarcadas no Brasil com destino ao Egito, em função de problemas relacionados a quedas bruscas de temperatura em pleno mar.

Considerando o total de bovinos exportados pelo Brasil desde 2002, a perda em acidentes marítimos foi de 0,13%.

Na Austrália, de acordo com o Serviço de Segurança e Transporte (ATSB), desde 1996 ocorreram quatro acidentes navais com bovinos para exportação, mas sem ocorrência de mortes. Apenas duas embarcações estavam carregadas no momento dos acidentes. Veja tabela 16.

TABELA 16.

Acidentes marítimos de navios carregados com bovinos, atracados ou não.

NOME DO NAVIO	DATA DO ACIDENTE	PORTO DE EMBARQUE	DESEMBARQUE	TOTAL DE ANIMAIS	TOTAL DE PERDAS
Carabao 1	janeiro de 1996	Darwin	Indonésia	733	0
Novantes	novembro de 1998	Queensland	Filipinas	1.509	0
Ocean Drover	outubro de 2014	Freemantle	Indonésia	Preparando para carregar	-
Awassi express	outubro de 2015	Portland	-	Preparando para carregar	-
Total	-	-	-	-	0

Fonte: ATSB / Compilado pela Scot Consultoria - www.scotconsultoria.com.br

Segundo o relatório anual do Ministério da Agricultura e Alimentação da Austrália (MLA), foram registradas três ocorrências de morte de bovinos nos navios em 2014, todos durante a viagem e envolvendo tempestades. Vale ressaltar que nesses casos os inquéritos foram concluídos, aqueles que estavam em andamento na data de publicação deste estudo não foram contabilizados.

A taxa de mortalidade de bovinos australianos para exportação, incluindo acidentes marítimos, em 2014 foi de 0,12%, o equivalente a 1.536 cabeças, considerando os dados do Serviço de Estatística da Austrália (ABS), que contabilizou 1,18 milhões animais exportados.

Na figura 27 estão apresentadas as taxas de mortalidade (transporte marítimo) nas exportações de gado em pé da Austrália.

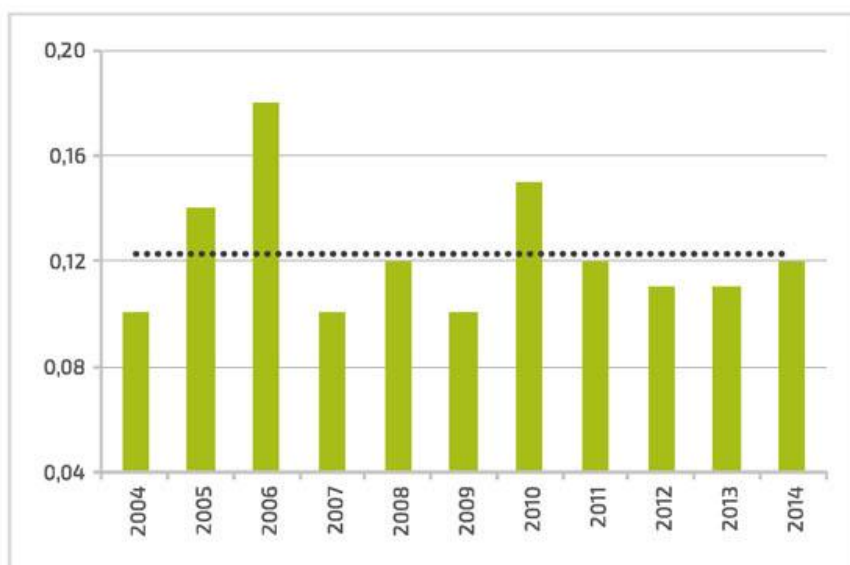


FIGURA 27.

Evolução da taxa de mortalidade nas exportações de bovinos vivos da Austrália, desde 2004 (transporte marítimo), em %.

Fonte:
DAFWA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Na tabela 17, a taxa de mortalidade de gado vivo por destino.

TABELA 17.
Taxa de mortalidade nas exportações
de bovinos vivos da Austrália por
destino em 2014, em porcentagem.

DESTINOS	TAXA DE MORTALIDADE (%)	
	2013	2014
Oriente Médio/Norte da África	0,17	0,36
Sudeste Asiático	0,08	0,08
Nordeste Asiático	0,15	0,14
Sudeste Europeu	0,18	0,47
Outros	0,00	0,07

Fonte:
DAFWA / Elaborado pela Scot Consultoria
www.scotconsultoria.com.br

Os limites de mortalidade aceito pelos australianos em transportes marítimos de bovinos variam de 0,5% para deslocamentos abaixo de 10 dias e de 1,0% para viagens acima de 10 dias.

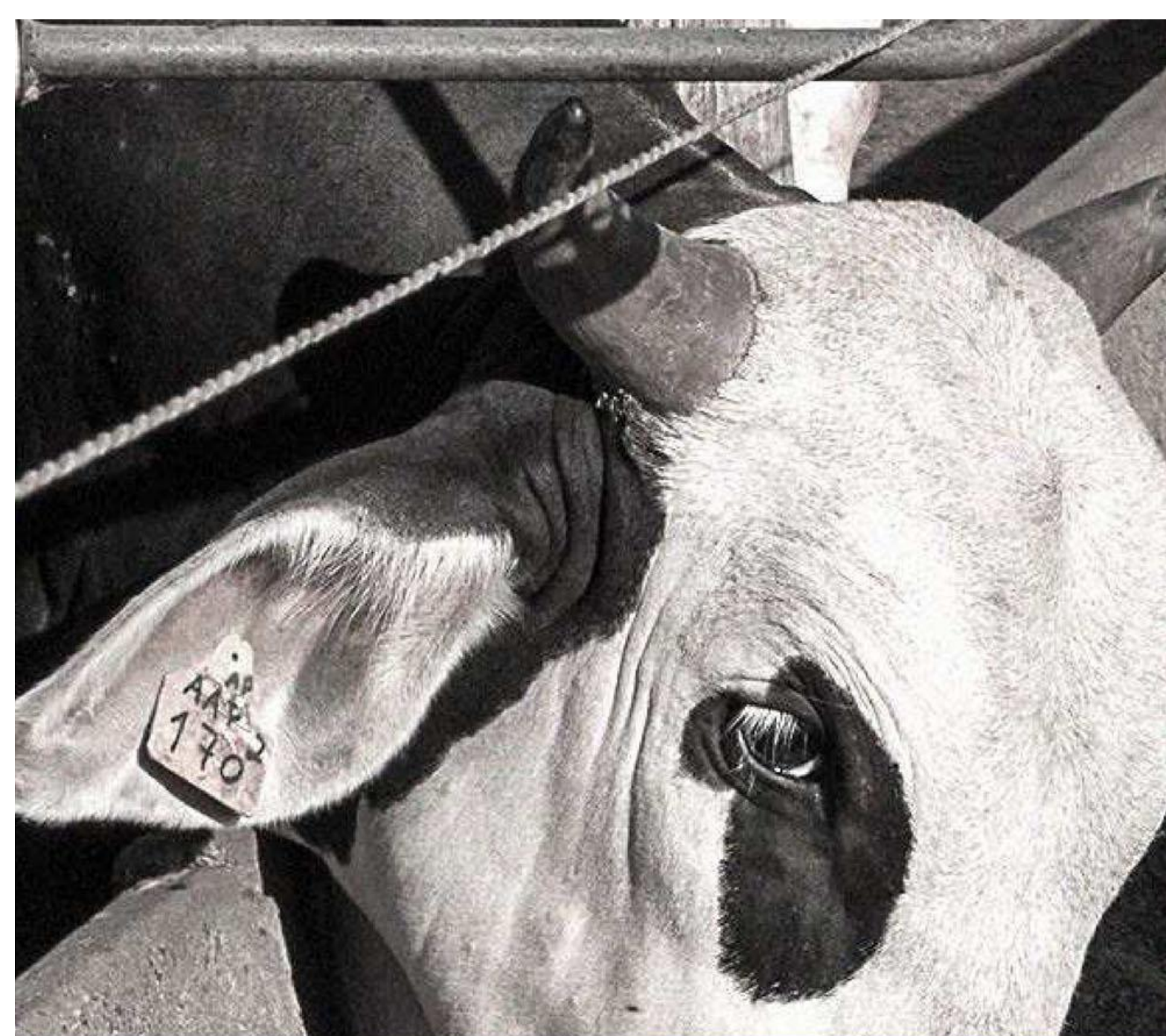
No Brasil, a taxa de acidentes marítimos envolvendo bovinos vivos é rara. Foram dois acidentes em todos os anos de exportação.

O acidente envolvendo o navio Haidar, em outubro de 2015, foi o único registrado em porto brasileiro. O acidente com o navio Spiridom, em 2007, foi na Venezuela.

Diante da baixa taxa de acidentes, pode-se considerar o ocorrido como uma fatalidade, uma exceção à regra cujas causas dizem mais respeito aos armadores do que à produção pecuária brasileira.



Foto: ABEG



9. CONCLUSÃO

A exportação de bovinos vivos é importante para o país e, em especial para o Pará.

Os ganhos na pecuária paraense são evidentes desde a inauguração desse canal de escoamento da produção, tanto em termos mercadológicos (maior complementariedade e redução do diferencial de base de preços) como melhorias dos indicadores produtivos e estruturas físicas para a exportação.

A atividade não compete com o abastecimento do mercado interno e nem com o abastecimento do mercado externo. Mesmo no Pará, estado mais representativo no comércio de bovinos vivos, há espaço para essas duas vias de escoamento da produção, através da carne e do comércio de animais.

A exportação de bovino é um nicho de mercado sujeito as interferências de diversos fatores externos, como questões econômicas e políticas dos países compradores, câmbio, demanda, entre outros e se possível deve ser aproveitada enquanto dure.

Importante destacar que em 2015, mesmo com a diminuição dos embarques de bovinos vivos no Pará, esse canal foi importante para escoar parcela da produção estadual, mecanismo inexistente nos demais estados da federação.

O rebanho paraense é capaz de atender a demanda dos frigoríficos do estado mesmo que a ociosidade seja extinta.

Portanto, o comércio de bovinos vivos com outros países não atrapalha a indústria local, muito menos a pecuária brasileira.

A exportação de bovino é um nicho de mercado sujeito as interferências de diversos fatores externos, como questões econômicas e políticas dos países compradores, câmbio, demanda, entre outros e se possível deve ser aproveitada enquanto dure.

Podemos citar 2015, cuja queda nas exportações para a Venezuela, em função da situação econômica ruim do país, foi dramática.

No Brasil, a taxa de acidentes marítimos envolvendo bovinos vivos é rara. O acidente de outubro de 2015 no porto de Vila do Conde, no Pará, foi um fato isolado, uma tragédia, uma exceção, cujas causas independente desse fato deve ser apurada e sanada.



10. REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

Agência Estadual de Defesa Agropecuária do Estado do Pará - ADEPARÁ. Disponível em: <<http://www.adepara.pa.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015

Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias - ABCR. Disponível em: <<http://www.abcr.org.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne - ABIEC. Disponível em: <<http://www.abiec.com.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Australian Bureau of Statistics - ABS. Disponível em: <<http://www.abs.gov.au/>>. Acesso em novembro de 2015.

Allianz Global Corporate & Specialty SE's - AGCS - Análise Crítica de Segurança e Transporte Marítimo, 2014.

Agência Nacional de Transportes Aquaviários - ANTAQ. Disponível em: <www.antaq.gov.br/>. Acesso em novembro de 2015.

Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP. PIB do Agronegócio Brasil. Disponível em: <<http://cepea.esalq.usp.br/pib/>>. Acesso em novembro de 2015

Confederação Nacional do Transporte - CNT. Disponível em: <<http://pesquisarodoviascms.cnt.org.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Department of Agriculture and Food, Western Australia – DAFWA. Disponível em: <<https://www.agric.wa.gov.au/>>. Acesso em novembro de 2015.

Departamento de Agricultura dos Estados Unidos - USDA. Disponível em: <<http://www.usda.gov/>>. Acesso em novembro de 2015.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Pesquisa Pecuária Municipal. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Instituto Nacional de Meteorologia – INMET. Disponível em: <<http://www.inmet.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento - MAPA. Disponível em: <<http://www.agricultura.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior - MDIC. Disponível em: <<http://www.aliceweb.mdic.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Meat & Livestock Australia - MLA. Disponível em: <<http://www.mla.com.au/>>. Acesso em novembro de 2015.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Disponível em: <<http://www.mte.gov.br/>>. Acesso em novembro de 2015.

Scot Consultoria. Banco de dados da empresa.

Foto: Scot Consultoria



17 3343 5111

facebook.com.br/scotconsultoria

twitter.com/scotconsultoria

scotconsultoria@scotconsultoria.com.br



WWW.SCOTCONSULTORIA.COM.BR